



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE PINHEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KIUZANY BIANCA SILVA FROZ

***“EITA, CRIANÇA! NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS EMPURRANDO  
COM A BARRIGA”***: Precarização do trabalho, sobrecarga feminina e o cansaço como  
desmotivador do fazer pedagógico na Educação Infantil

PINHEIRO

2025

KIUZANY BIANCA SILVA FROZ

***“EITA, CRIANÇA! NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS EMPURRANDO COM A BARRIGA”*: Precarização do trabalho, sobrecarga feminina e o cansaço como desmotivador do fazer pedagógico na Educação Infantil**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão Campus Pinheiro para a obtenção de grau de licenciada em Educação Física.

Orientadora : Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rarielle Rodrigues Lima.

PINHEIRO/MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Froz Silva, Kiuzany Bianca.

"EITA, CRIANÇA! NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS  
EMPURRANDO COM A BARRIGA": Precarização do trabalho,  
sobrecarga feminina e o cansaço como desmotivador do  
fazer pedagógico na Educação Infantil

Kiuzany Bianca Froz Silva. - 2025.

68 p.

Orientador(a): Rarielle Rodrigues Lima.

Curso de Educação Física, Universidade Federal do  
Maranhão, Pinheiro, Maranhão, 2025.

1. Educação Infantil. 2. Saúde mental. 3.

Professoras I. Rodrigues Lima, Rarielle. II. Título.

KIUZANY BIANCA SILVA FROZ

***“EITA, CRIANÇA! NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS EMPURRANDO COM A BARRIGA”*: Precarização do trabalho, sobrecarga feminina e o cansaço como desmotivador do fazer pedagógico na Educação Infantil**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão Campus Pinheiro para a obtenção de grau de licenciada em Educação Física

Trabalho aprovado em 23/07/2025

Banca examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rarielle Rodrigues Lima (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>ª</sup>. Fernanda Bernadeth Monteiro Ferreira

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Millena de Mikely P. Brito

Universidade Federal do Maranhão

Dedico esta pesquisa para todas as professoras que assim como eu, sentem-se cansadas, frustradas e sozinhas nesse processo de criar profissões e pessoas para o mundo lá fora. Não esquecendo-me da minha amada avó, Maria Domingas (*in memoriam*), minha querida mãe, Mosane Silva e meu amado pai, Jane Jorge (*in memoriam*), por todo incentivo durante todas as etapas dos meus estudos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado até aqui. Não foi fácil, mas encontrei nele força, coragem e sustento nessa caminhada tão desafiadora. No decorrer deste processo tive momentos difíceis, e durante a escrita do TCC, sofri um acidente e semanas depois, a perda do meu pai, Jane Jorge. Em momentos como esse, pensamos em desistir, mas precisamos ser fortes e tentar continuar por aqueles que já se foram e pelos que continuam torcendo por nós aqui.

À minha mãe, Mosane Silva, por toda força, apoio e incentivos diariamente. Metade do que sou devo a ela, mulher guerreira, valente, forte e que tanto batalhou e batalha pelos seus filhos. Seus ensinamentos nos fazem perceber o caminho que escolhemos traçar e as pessoas que estamos nos tornando. Obrigada por existir e por ser quem és.

Aos meus irmãos, Kiuzely Beatriz e Bruno Eduardo, pelo suporte, pelos conselhos e por me ouvirem nos momentos de desesperos, que não foram poucos. Vocês são inspiração, motivação e meus parceiros com quem quero contar por toda a minha vida.

Aos meus avós Maria Domingas (*in memoriam*) e Walter Raimundo, pelo papel importante e as contribuições durante toda a minha trajetória que convivi com vocês. Sem esquecer-me das minhas tias e primos por todo o carinho, apoio e incentivos de forma direta e indiretamente.

Ao meu pai Jane Jorge (*in memorian*), que mesmo distante e com seu jeito de amar, sempre demonstrou orgulho e admiração pelos seus filhos. Apesar de não estar aqui fisicamente, sei que estaria feliz por mais essa conquista.

À minha querida orientadora Rarielle Rodrigues Lima, pela paciência, pelas contribuições e por nunca ter desistido de mim, mesmo quando não cumpria as demandas que tinha que fazer. Ter você como orientadora nesse processo desafiador, foi gratificante e essencial.

Ao grupo de pesquisa LIEPP por me acolher e possibilitar meu desenvolvimento como pesquisadora. Sou imensamente grata pela oportunidade de vivenciar a pesquisa em sua essência, pelas trocas de saberes e pelas experiências que ampliaram minha visão acadêmica e profissional.

Aos meus professores da Universidade Federal do Maranhão que contribuíram com essa jornada acadêmica e, de forma especial, Vivianne Lins, por ter me incentivado a

pesquisar sobre a Educação Infantil e aproveitar o espaço em que estou inserida no contexto do trabalho.

Aos meus amigos da velha carona, Laylson Vitor, Geovana Nélia, Joselia da Silva, Andreyana Viegas e Andesson Andrade, obrigada por sempre acolherem a amiga de vocês diariamente com as caronas e pela amizade.

À minha dupla dinâmica, Joselia da Silva. Nós nos escolhemos ainda no primeiro período do curso e, desde então, nunca mais nos separamos. Ela sempre esteve ao meu lado: me ajudou, acolheu, incentivou, encorajou e me fortaleceu nos momentos difíceis, tanto no curso quanto na vida pessoal. É aquela que sorri e sofre junto, que compartilha bons momentos e também os ruins. Mesmo quando eu não conseguia dar conta de alguma tarefa, ela sempre fazia questão de ajudar e garantir que tudo fosse feito.

À minha querida Lavígnia Marinho, uma amiga que, depois de alguns períodos na UFMA, foi chegando devagarzinho e ficou para somar. Com ela, criei laços de amizade verdadeiros, compartilhando os perrengues do curso, o início e a elaboração do TCC, e aqueles dias em que abríamos mão do pouco descanso que tínhamos para passar as tardes na UFMA e em outras vezes, a noite também. Obrigada por sempre me ajudar e acreditar em mim, mesmo quando eu pensava que não daria conta.

À minha amiga Laena Garcia, que mesmo não estando desde o início do curso nos mesmos grupos de trabalhos, fez e faz toda a diferença nessa reta final. Minha companheira de estágio e parte essencial do nosso trio dinâmico, sempre fizemos questão de nos ajudar, acolher e incentivar umas às outras. Mesmo nos momentos em que poderíamos descansar ou fazer outras tarefas, estávamos juntas na UFMA, dedicando nosso tempo às tarefas das disciplinas e ao TCC. Com ela compartilhei momentos bons e difíceis, vivendo cada etapa com companheirismo e uma amizade verdadeira.

À Marcos Vinicius, aquele que escolhi para vivenciar e desfrutar os melhores momentos da vida. Obrigada por me ouvir, entender, incentivar e estar sempre ao meu lado, mesmo quando as dificuldades pareciam maiores que eu. Obrigada por me lembrar da minha força, por me fazer sorrir nos dias difíceis e por acreditar em mim quando eu precisava de coragem para continuar.

À minha parceira de trabalho, Ana Claudia. Aquela com quem compartilho as manhãs, os momentos difíceis, as frustrações e o cansaço, mas também, os momentos bons. Ela sempre me incentiva e acredita em mim, mesmo quando eu mesma duvido, lembrando-me do meu potencial e me encorajando a seguir em frente.

Ao meu amigo Yullian Fabrício, por sempre me ajudar e estar disposto quando precisei. Quando eu nem tinha ideia de fato sobre o que pesquisar, você estendeu sua mão e embarcou comigo no meu pré projeto e sempre que entrava em desespero com algo. Obrigada pelo “intensivão de TCC”, abriu minhas ideias para muitas coisas novas.

À todos aqueles que sempre acreditaram no meu potencial, que me incentivaram a não desistir e sempre me ofereceram palavras de apoio e encorajamento. Sou imensamente grata a cada um que, de alguma forma, estendeu a mão, acreditou, celebrou minhas conquistas, me fortaleceu nos momentos difíceis e me lembrou que sou capaz de ir além. Foi graças a vocês que encontrei forças para continuar e chegar até aqui.

E por fim, a todas as professoras e a gestão escolar que contribuíram e se doaram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada a cada um de vocês.



Eu sou a continuação de um sonho  
Da minha mãe, do meu pai  
De todos que vieram antes de mim  
Eu sou a continuação de um sonho  
Da minha vó, do meu vô  
Quem sangrou pra gente poder sorrir  
(*Continuação de um sonho* - Canção BK',  
JXNV\$ e Gigantes).

## RESUMO

Este trabalho aborda a precarização do trabalho docente na Educação Infantil, com ênfase na sobrecarga enfrentada pelas mulheres e no cansaço como fator desmotivador do fazer pedagógico. O objetivo foi analisar as percepções de professoras da Educação Infantil sobre o cansaço, a sobrecarga e as estratégias que utilizam para conduzir as demandas do trabalho em uma escola localizada em Pinheiro-MA. Para isso, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com revisão bibliográfica e aplicação de questionários a profissionais da área. Os resultados indicam que a sobrecarga é inerente à função das professoras e frequentemente naturalizada como parte da rotina. Também evidenciam uma gestão pouco atenta às necessidades das docentes, que, ao mesmo tempo, exerce controle rigoroso no cumprimento das suas metas. Durante a coleta de dados, foram identificadas dificuldades, especialmente relacionadas às respostas dos questionários, que nem sempre refletiam a realidade vivida pelas professoras, revelando uma discrepância entre a percepção formal e as experiências cotidianas, principalmente no que diz respeito ao cansaço físico e mental.

**Palavras-chave:** Precarização do trabalho; Educação Infantil; Sobrecarga feminina; Cansaço docente.

## **ABSTRACT**

This study addresses the precariousness of teaching work in Early Childhood Education, emphasizing the overload experienced by women and fatigue as a demotivating factor in pedagogical practice. The objective was to analyze the perceptions of Early Childhood Education teachers regarding fatigue, overload, and the strategies they use to manage work demands at a school located in Pinheiro-MA, Brazil. A qualitative research approach was employed, with a descriptive and exploratory nature, including a literature review and questionnaires applied to professionals in the field. The results indicate that overload is inherent to the teachers' role and is often normalized as part of their routine. The study also reveals a management approach that is inattentive to the needs of the teachers while simultaneously exercising strict control over meeting established goals. During data collection, challenges were identified, particularly related to questionnaire responses, which did not always reflect the teachers' lived realities, revealing a gap between formal perceptions and daily experiences, especially concerning physical and mental fatigue.

**Keywords:** Work precariousness; Early Childhood Education; Female overload; Teacher fatigue.

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CMEI - Centros Municipais de Educação Infantil

DPM - Distúrbios Psíquicos Menores

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LIEPP - Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Pedagógicas

MEC - Ministério da Educação

PNQE - Parâmetros Nacionais da Qualidade da Educação Infantil

SRQ-20 - Self-Report Questionnaire - 20

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fluxograma da Revisão Sistemática.....	19
Quadro 1: Distribuição dos artigos analisados.....	21
Figura 2: Ilustração da distribuição da identificação das professoras.....	32
Gráfico 2: Distribuição da autodeclaração de estado civil.....	33
Gráfico 4: Quantitativo de professoras que exercem a função laborativa em outra instituição... 36	
Gráfico 5: Carga horária de trabalho por turno das professoras.....	37
Gráfico 6: Distribuição de professoras que exercem somente a docência ou outra ocupação.	37
Gráfico 7: Percepção da sobrecarga no ambiente de trabalho.....	39
Gráfico 8: Período do ano em que sentem mais cansaço.....	39
Gráfico 9: Reflexões acerca do abandono na carreira docente.....	43
Gráfico 10: Percepção sobre o acolhimento da gestão em relação ao cansaço.....	47
Gráfico 11: Política para auxiliar na saúde mental das professoras.....	49

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
Figura 1: Fluxograma da Revisão Sistemática.....	19
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>20</b>
3.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS DE UMA MENTE CANSADA: AS PRODUÇÕES SOBRE CANSAÇO, SAÚDE MENTAL E SOBRECARGA DOCENTE EM UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	20
Quadro 1: Distribuição dos artigos analisados.....	21
3.1.1 As condições de trabalho e representação docente na Educação Infantil.....	25
3.1.2 As percepções sobre saúde mental das professoras na Educação Infantil.....	27
3.2 APROXIMAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA: A PESQUISADORA.....	30
3.3 “NÃO É PARA MASCARAR AS RESPOSTAS DE VOCÊS SOBRE AS DIFICULDADES, RELATEM TODAS ELAS, MAS NÃO DETONEM A ESCOLA COMO UMA DAS PIORES”: AS ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS...32	32
Figura 2: Ilustração da distribuição da identificação das professoras.....	32
Gráfico 2: Distribuição da autodeclaração de estado civil.....	33
3.3.1 Precarização do trabalho.....	35
Gráfico 4: Quantitativo de professoras que exercem a função laborativa em outra instituição.....	36
Gráfico 5: Carga horária de trabalho por turno das professoras.....	37
Gráfico 6: Distribuição de professoras que exercem somente a docência ou outra ocupação.....	37
3.3.2 Sensação de sobrecarga no trabalho.....	38
Gráfico 7: Percepção da sobrecarga no ambiente de trabalho.....	39
Gráfico 8: Período do ano em que sentem mais cansaço.....	39
Gráfico 9: Reflexões acerca do abandono na carreira docente.....	43
3.3.3 Estratégias da redução da sobrecarga.....	45
3.3.4 Condução da gestão da escola.....	47
Gráfico 10: Percepção sobre o acolhimento da gestão em relação ao cansaço.....	47
Gráfico 11: Política para auxiliar na saúde mental das professoras.....	49
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
Apêndice B: Questionário aplicado com as professoras.....	58
Anexo A: Parecer consubstanciado de aprovação do Comitê de Ética.....	60

## 1. INTRODUÇÃO

A minha experiência como professora na Educação Infantil me levou a refletir e questionar sobre várias questões relacionadas ao cansaço, sobrecarga e a falta de assistência que deveria ser ofertada pela gestão da escola. Diversas vezes cheguei a me perguntar se somente eu me sentia cansada em meio às minhas colegas que vivenciam jornadas extras de trabalho, filhos, família e outros afazeres pessoais. Por vezes cheguei a ouvir comentários que me faziam duvidar do meu próprio cansaço e desmotivação no trabalho “Ah, mas você é nova ainda, não deveria sentir todo esse cansaço”, “Ah, mas você não tem outras preocupações, não tem filhos pequenos, mora ainda com a mãe, chega em casa e encontra tudo pronto, por isso que ainda não vai se casar”. Será que estou exagerando? Será que a minha demanda por trabalhar somente um turno torna-se pequena perto do que minhas colegas enfrentam? Esses e outros questionamentos me fizeram buscar outras respostas para as minhas inquietações e frustrações no ambiente de trabalho que culminou com a proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que apresento agora. Mas mesmo assim você deve estar se perguntando, porque estou falando de cansaço no curso de Educação Física?

É importante que as pessoas entendam que a sociedade está doente, ou melhor, adoecendo à medida que não conseguem enxergar que o cansaço vai muito além de sentir-se cansado ou estar cansado. Esse desgaste não afeta somente o corpo, mas também a mente, reduzindo a capacidade de aprendizado, a motivação e o foco em tarefas simples do dia a dia. Segundo Han (2015) em “A Sociedade do cansaço”, a sociedade atual encontra-se vinculada à compreensão de produtividade, associando-se à disciplina produtiva, assim tornando sujeito de desempenho rápido e obediente sem evidenciar as contradições da exploração; em que “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração”.

Não há como falar sobre qualidade de vida sem pontuar as relações de trabalho, pois o cuidado com o corpo e com a saúde requer tempo disponível, o qual na sociedade do cansaço é estabelecido no segundo plano em relação à romantização da alta produtividade.

Debruçar-se sobre a exaustão das professoras da Educação Infantil requer uma observação ampla sobre as demandas que atravessam o cuidar feminino que sofre um processo de invisibilização intencional que acarreta as sobrecargas nos espaços dentro e fora da escola. Desse modo, os fazeres pedagógicos são imbricados com os fazeres dos cuidados

de crianças pequenas e bem pequenas; o que de certo modo reduz a valorização da tarefa profissional de ensinar e cuidar, sobrecarregando as professoras pela forma que ocorre a sistematização desse nível de ensino.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Educação Infantil Brasileira é reconhecida como primeira etapa da educação básica, oferecida em creches para atendimento de crianças de até três anos de idade e, em pré-escolas, com atendimento para crianças de quatro a seis anos de idade (Oliveira, 2008). Ainda, define que essa etapa tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até seis anos de idade em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, reforçando as diretrizes da nova Política Nacional de Educação Infantil, onde o Ministério da Educação (MEC) diz que a Educação Infantil deve pautar-se pela indissociabilidade entre o cuidado e a educação.

Vale ressaltar também, que os Parâmetros Nacionais da Qualidade da Educação Infantil (PNQE) reconhecem a ação da família e da comunidade enquanto primordial para o pleno desenvolvimento de crianças de até seis anos, defendendo o compartilhamento da responsabilidade familiar, comunitária e do poder público por esse desenvolvimento (Brasil, 2006). Dessa forma, concebe-se que as crianças são seres que constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o ambiente (Brasil, 1998b). Como resultado, crianças expostas a múltiplas possibilidades interativas têm maiores oportunidades e condições para a construção de um repertório pessoal mais amplo (Brasil, 2006c; 2006d).

Partindo desse ponto, um dos elementos mais importantes constituintes da ação docente decorre da “Ensinagem”, cujo termo, segundo Anastasiou; Alves (2015), é usado para indicar uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender, em um processo contratual de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, decorrentes de ações efetivadas na sala de aula e fora dela. A mediação docente também é uma parte crucial, tendo em vista que leva os alunos ao desenvolvimento de processos de mobilização, construção e elaboração da síntese do conhecimento (Vasconcellos, 1994).



No entanto, a lógica produtiva vinculada a uma educação mercadológica localiza esses mesmos professores em uma sistemática administrativa que sobrecarrega e aniquila as capacidades adequadas de acompanhamento. Afinal, professoras cansadas apresentam redução da qualidade da gestão de suas próprias emoções e da capacidade criativa de pensar outras metodologias. Porém, a escola se apresenta como espaço de ampliação de demandas ao se associar à lógica produtiva do mercado sintetizada no jargão “precisamos formar para o mercado de trabalho”. Para isso, a escola requer de seus docentes, a cada tempo, mais organização e efetividade, ações que ordenem as metas e resultados claros e precisos consoante às necessidades demandadas pelos contextos educativos e valorizados pela sociedade como um todo (Oliveira; Menezes; Gomes, 2023).

Ao debruçar-me sobre as ações organizativas do processo de ensino me questiono sobre qual processo de ensino estamos desenvolvendo, pois as metas estabelecidas pela gestão me levam a refletir sobre o que cada criança vivencia no seu processo da Educação Infantil ou o que deveria vivenciar de fato. O que poderia ser uma prática lúdica de ensino, torna-se um processo robotizado onde a criança deixa de viver o lúdico através das brincadeiras, para viver o caderno, o lápis, a borracha e as expressões faladas de todos os dias “*Vamos, você precisa sair daqui escrevendo!*”. No fim, formamos leitores obrigatórios e não leitores lúdicos, crianças que conhecem o mundo em um formato punitivo ao invés de construir criativamente a sua imaginação no brincar. Tudo isso associado à exaustão das professoras em um processo automatizado e desumanizador.

Em uma pesquisa realizada no ano de 2019 por Martins; Araujo; Vieira, intitulada “Trabalho docente e saúde das professoras da Educação Infantil” com 209 professoras no Rio Grande do Sul, foram encontradas queixas de esgotamento, cansaço físico, ansiedade, estresse e desesperança em seus discursos, o que podiam estar produzindo adoecimento e, conseqüentemente, o uso exacerbado de medicamentos para exercer atividade laborativa, prevalecendo o consumo de analgésicos e de antidepressivos entre os participantes (Martins; Araujo; Vieira, 2019).

Partindo dessas inquietações, a questão que me mobiliza para este trabalho é: De que maneira as professoras estão conduzindo as dificuldades, o cansaço e as demandas da gestão no fazer pedagógico com as crianças? Acrescento ainda algumas outras: Como o cansaço

impacta o planejamento? Elas se sentem acolhidas e validadas sobre o cansaço? Quais as estratégias utilizadas pelas professoras para vivenciar a rotina de trabalho?

Diante disso, o presente estudo tem por finalidade analisar as percepções de professoras da Educação Infantil sobre o cansaço, sobrecarga e suas estratégias utilizadas para conduzir as demandas do trabalho em uma escola em Pinheiro/MA.

Proporcionando melhor entendimento, este trabalho está organizado em quatro capítulos onde: 1) Referencial teórico, aborda sobre as categorias das análises que mobilizam esta pesquisa a partir de autores e conceitos para melhor compreensão da temática escolhida; 2) Construções metodológicas, onde apresento os caminhos que construí para chegar aos dados e as sistematizações das análises. Detalho com clareza as escolhas que fiz, os motivos dessas escolhas e como elas relacionam-se com os objetivos da pesquisa; 3) Análise de dados, onde apresento as discussões e apresentações dessas análises obtidas através das leituras, relacionando essas informações com as categorias teóricas que foram utilizadas e 4) As Conclusões, onde organizo o fechamento das ideias da pesquisa destacando os pontos mais importantes e relevantes, as contribuições, as dificuldades e limitações ao longo do percurso.

## **2. METODOLOGIA**

A pesquisa possui cunho qualitativo, que valoriza o contato direto e prolongado com o ambiente estudado, permitindo compreender os fenômenos a partir da perspectiva dos participantes. Ela busca construir interpretações e significados com base nos dados coletados, sem imposições ou ideias prévias. O objetivo é entender as ações humanas em seu contexto natural, revelando aspectos internos que muitas vezes passam despercebidos (Godoy, 1995). Essa abordagem é eficaz para captar a complexidade dos fenômenos analisados, desse modo, a escolha deste formato de pesquisa se aproximou dos meus interesses enquanto pesquisadora.

Compreender essa complexidade muitas vezes requer métodos complementares, como a pesquisa descritiva, que tem como foco observar e detalhar características de populações, fenômenos ou relações entre variáveis. Por meio de ferramentas como questionários e observações, essa metodologia organiza as informações de forma clara e sistemática. Assim, busca-se descrever os elementos investigados ou identificar possíveis conexões entre eles (Gil, 2008).

No entanto, para que tanto a análise qualitativa quanto a descritiva sejam eficazes, é fundamental iniciar o processo com uma abordagem exploratória. Esse tipo de pesquisa contribui para o levantamento inicial de informações, proporcionando um entendimento preliminar que facilita o desenvolvimento de ideias e hipóteses. Com um planejamento flexível, ela permite analisar diferentes aspectos do tema, ampliando a compreensão e direcionando futuros estudos (Gil, 1991).

Associando esses entendimentos, minha pesquisa se caracteriza efetivamente como qualitativa, descritiva e exploratória desenvolvida entre julho e dezembro de 2024, no município de Pinheiro/MA correspondendo a um recorte da pesquisa guarda-chuva em andamento PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades com execução entre 2023 e 2025, aprovado sobre o parecer do comitê de ética número 5.836.564 sobre a coordenação do Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Pedagógicas (LIEPP).

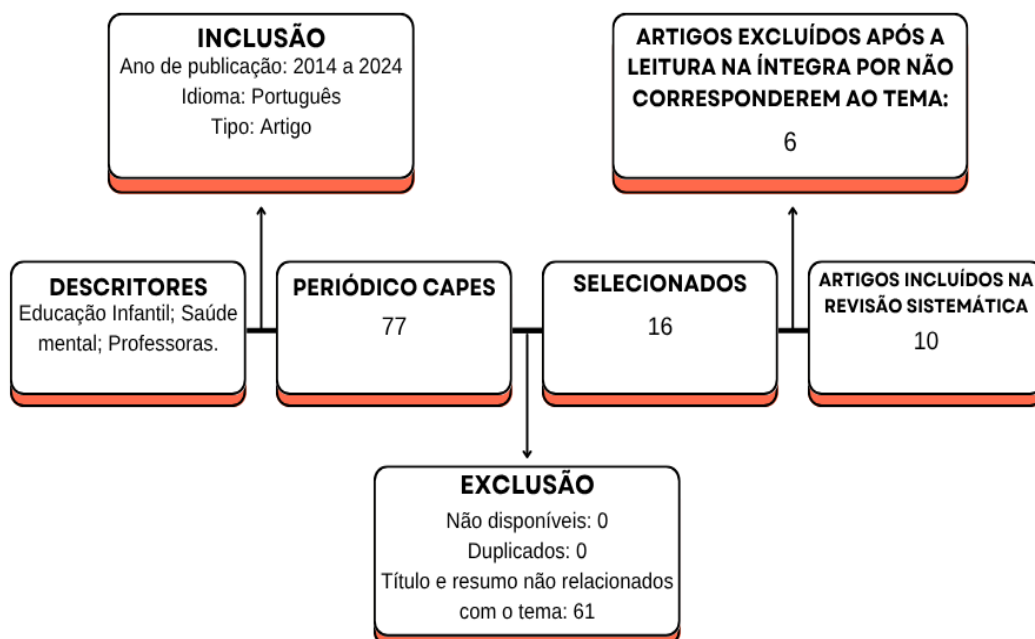
Para Gil (2008), a escolha de um ambiente de pesquisa familiar ao pesquisador pode facilitar significativamente a coleta de dados e interação com os sujeitos estudados, além de reduzir custos e tempo de deslocamento. Dessa forma, a pesquisa foi realizada em uma escola na cidade de Pinheiro-Maranhão, pois atuo como professora no município, motivo esse que também corroborou para o início da pesquisa por já conhecer a realidade escolar e as professoras entrevistadas, tornando-se, assim, conveniente o levantamento de dados para a pesquisa; que em primeiro momento percebi como positivo, porém com o desenvolver da pesquisa reconheci impedimentos por também estar inserida no contexto em que pesquisava.

Sendo assim, a pesquisa foi organizada em duas etapas: 1) revisão de literatura para o aprofundamento das temáticas com os descritores Educação Infantil, saúde mental e professoras; 2) com a pesquisa de campo, aplicações de questionários, conversas informais e observação participante com auxílio do caderno de campo. Como conduta ética, todas as

participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e para garantir o anonimato da participação optei por não mencionar o nome real das professoras, deste modo, elas serão mencionadas com nomes de flores.

O levantamento bibliográfico foi realizado através da sistematização da literatura com os descritores: Educação Infantil, saúde mental e professoras, na base de dados Periódicos CAPES entre 10 de julho a 16 de dezembro de 2024. O processo de seleção das produções seguiu os critérios apresentados na Figura 1.

Figura 1: Fluxograma da Revisão Sistemática



Fonte: Autora, 2025

O estudo contou com a participação de 23 professoras que trabalham na rede pública municipal de Educação Infantil nos períodos matutino e vespertino, as quais receberam um questionário estruturado (Apêndice B) com perguntas acerca das dificuldades enfrentadas no processo de ensinagem. As análises dos dados ocorreram de forma interpretativa com aproximações na análise do discurso e de conteúdo (Bardin, 2016).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS DE UMA MENTE CANSADA: AS PRODUÇÕES SOBRE CANSAÇO, SAÚDE MENTAL E SOBRECARGA DOCENTE EM UMA REVISÃO DE LITERATURA**

As construções sobre as temáticas que atravessam meu estudo foram pautadas a partir da revisão sistemática utilizando os descritores associados à Educação Infantil, saúde mental e professoras no Periódicos Capes, destacando o intervalo de produções nos últimos dez anos, indo de 2014 a 2024. Inicialmente, identifiquei 77 artigos que após a leitura dos resumos para verificar a proximidade com o tema, se reduziram para 10 artigos, os quais estão expressos no quadro 1.

**Quadro 1:** Distribuição dos artigos analisados

<b>AUTOR(ES)</b>	<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>METODOLOGIA</b>
Jarbas Santos Vieira, Vanessa Bugs Gonçalves, Maria de Fátima Duarte Martins	2016	Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul	Discutir a relação entre processo de trabalho docente e a saúde de 196 professoras que atuavam em escolas municipais de educação infantil no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, em 2011.	Entrevistas semiestruturadas com 196 professoras da educação infantil, visando explorar as dimensões quantitativas e qualitativas da relação entre trabalho docente e saúde das professoras.
Láís Leni Oliveira Lima, Cátia Regina Assis Almeida Leal	2016	Educação infantil: tensões presentes na esfera do trabalho docente	Compreender as tensões encontradas nos desdobramentos do trabalho que se realiza na Educação Infantil (EI), e as consequentes perdas de prestígio social na carreira do professor, interferindo na constituição de sua identidade política.	Entrevistas e observações com 44 trabalhadoras dos Centros Municipais de Educação Infantil (Cmei).
Antonio José Fernandes Ricardo, Adriele Domingos do Amaral, Márcia de Souza Hobold	2018	Estresse em professoras de um centro de educação infantil	Apresentar as causas do estresse em professoras de um Centro de Educação Infantil e sua implicação para o exercício do trabalho docente.	Pesquisa qualitativa, decorrente de uma minuciosa busca teórica sobre estresse na educação infantil e consequências na saúde, observações participantes, além de dados de entrevistas com quatro professoras que atuam em um Centro de Educação Infantil.

Daniela Fischer, Karine Vanessa Perez	2019	“Eu sou quem então?”: o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento	Compreender como o reconhecimento do trabalho docente na educação infantil interfere na saúde das professoras.	Adaptação da psicodinâmica do trabalho <i>stricto sensu</i> . Essa abordagem investigativa diz respeito à clínica do trabalho.
Arinalda Silva Locatelli, Livia Fraga Vieira	2019	Condições de trabalho na Educação Infantil no Brasil: os desafios da profissionalização e da valorização docente	Analisar as dimensões constitutivas do trabalho docente na Educação Infantil pública e sua relação com o processo de expansão das políticas educativas voltadas para esta etapa da educação básica, ocorrida nas últimas décadas, em municípios da Região Amazônica.	Dados analisados através de questionários aplicados a 137 sujeitos docentes (professoras e monitoras) atuantes no universo de 31 instituições públicas municipais de Educação Infantil que atendiam crianças na faixa etária de 0 a 5 anos, do estado do Tocantim, das áreas rural e urbana dos municípios de Araguatins e Tocantinópolis.
Maria de Fátima Duarte Martins, Tânia Maria Araújo, Jarbas Santos Vieira, Janaina Barela Meireles	2019	Educação Infantil e saúde das professoras: estudos que se aproximam ao tema	Analisar a relação do trabalho docente das professoras de educação infantil com a sua saúde.	Revisão bibliográfica contemplando artigos, teses e dissertações publicados no Brasil entre os anos de 2010 e 2017.
Bruna Emilyn da Silva, Adriano Charles Ferreira, Ademir José Rosso	2021	As representações sociais de professoras da Educação Infantil em relação ao desgaste docente	Apresentar as representações sociais que as professoras da Educação Infantil constroem sobre os condicionantes de trabalho que geram o desgaste docente.	Abordagem pluri metodológica, relacionando métodos quantitativos e qualitativos.

João Gabriel Yaegashi, Cleber Sanfelici, Solange Franci Raimundo Yaegashi, Marta Regina Furlan de Oliveira	2022	Estresse e <i>burnout</i> na profissão docente: um estudo sobre as condições de trabalho dos professores da educação infantil	Investigar quais são os principais fatores psicossociais, estruturais e relacionais na profissão docente que podem desencadear o estresse e o <i>burnout</i> em professores que atuam na Educação Infantil, bem como discutir a responsabilidade civil dos empregadores/instituições de ensino nos casos de <i>burnout</i> .	Pesquisa bibliográfica do tipo ‘estado do conhecimento’
Roberta Melo de Andrade Abreu, Estefani dos Reis Melo	2023	Reflexões sobre o mal estar docente no campo da Educação Infantil	Compreender e analisar as origens desse mal-estar por meio de metodologia de análise de conteúdo como técnica de análise de dados no contexto da abordagem qualitativa.	Análise de conteúdo como técnica de análise de dados no contexto da abordagem qualitativa.
Lidiele Roque Bueno, Vitória Hamdan Padilha, Emily Letícia da Silveira Zanferari, Susane Graup	2023	Trabalho e saúde: o sofrimento mental de professoras da educação infantil	Analisar a prevalência de Distúrbios Psíquicos Menores (DPM) e os fatores associados, considerando as características sociodemográficas e laborais dos professores da Educação Infantil que atuam na rede municipal Uruguaiana/RS	Estudo descritivo, com abordagem quantitativa. Os instrumentos aplicados para a coleta de dados foram o questionário sociodemográfico e o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-200).

Fonte: Autora, 2025



Observando o quadro 1 é possível identificar que a média de artigos publicados, levando em consideração os critérios de inclusão e exclusão, é de dois artigos por ano, sendo o ano de 2019 com maior produção com três. As produções utilizam termos associados ao estresse, à saúde mental, às condições de trabalho e ao reconhecimento do trabalho na Educação Infantil. Desse modo, organizei os 10 artigos em dois eixos: um relacionado aos aspectos das condições de trabalho e representação docente e outro, aos aspectos da saúde mental dos/as professores/as.

Todos os artigos abordam de maneira geral as ações desempenhadas por professoras na Educação Infantil e apontam quase que de maneira unânime a desvalorização inerente a este nível de ensino. Os aspectos econômicos e as relações de trabalho são pontuadas superficialmente nas mobilizações dos/as autores/as, especialmente quando nos direcionamos para o aumento das demandas exigidas pelo sistema de ensino regular e formal.

Nesse sentido, a educação é central para o desenvolvimento social e econômico, com o trabalho docente desempenhando um papel estratégico na construção de uma sociedade igualitária, democrática e justa, formando as crianças e os jovens nesse sentido para que, ao se tornarem adultos, possam criá-la (Coelho, 2012). No entanto, mudanças econômicas, políticas e globais das últimas décadas, impulsionadas pela lógica capitalista, têm impactado profundamente as condições de trabalho dos professores. Nesse contexto, pode-se afirmar que o capitalismo provocou transformações tanto no setor produtivo quanto nas relações e condições de trabalho, como destaca Macêdo (2018), evidenciando que essas alterações não apenas redefiniram as dinâmicas laborais, mas também impuseram novos desafios à prática docente, influenciada pela precarização e pela intensificação das demandas profissionais.

A profissão docente, que historicamente já enfrentava desafios relacionados ao reconhecimento social e às condições de trabalho, passou a lidar com novas demandas, frequentemente associadas à ampliação do acesso à educação e à busca por eficiência nos sistemas educacionais. Silva *et. al.* (2023) comenta que o aumento dessa exigência de produtividade na educação tem ampliado as queixas dos profissionais da educação quando a sobrecarga e a desvalorização de suas atividades.

Nesse contexto, é possível observar uma série de fenômenos que afetam diretamente a qualidade de vida dos educadores e, conseqüentemente, a qualidade do ensino ofertado. É

nesse panorama que se insere a discussão sobre a precarização do trabalho docente, tema que demanda uma análise cuidadosa e contextualizada. Afinal, a precarização está associada à ampliação da exploração e da redução dos recursos para um trabalho adequado<sup>1</sup>.

### 3.1.1 As condições de trabalho e representação docente na Educação Infantil

Na pesquisa intitulada *Educação infantil: tensões presentes na esfera do trabalho docente* (Lima; Leal, 2016) apresentam que o envolvimento com a Educação Infantil se inicia com a aproximação do lúdico e do brincar, levando em consideração as 44 professoras participantes do trabalho. A partir da aplicação de entrevistas e observação em sete Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) de Goiás. As autoras comentam ainda que o desfavorecimento da profissão está vinculado a compreensão fetichizada da criança e que seu cuidado não requer capacitação eficiente, outro ponto destacado é que isso se reflete na remuneração reduzida se comparado com os outros níveis da educação básica.

Ainda com as autoras, elas identificaram contradições em relação ao processo do trabalho em que as professoras compensam as queixas pela observação do desenvolvimento das crianças e relatam que “a outra contradição é que, essa profissional que lutou para ser reconhecida e ter uma posição digna capaz de manter a sobrevivência, ao estender sua jornada de trabalho, vê-se ansiosa pela aposentadoria” (Lima; Leal, 2016, p. 75).

Na pesquisa desenvolvida por Fischer e Perez (2019), “*Eu sou quem então?*”: o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento”, a partir da utilização adaptada da psicodinâmica do trabalho com oito professoras realizando entrevistas semiestruturadas individuais no interior do Rio Grande do Sul, evidencia que a reestruturação das atividades docentes ampliaram as exigências profissionais e o aumento das tarefas, sendo que a busca por qualificação profissional ocorre em paralelo, correspondendo a um ponto de sobrecarga para melhoria financeira. Além da mudança da dinâmica organizacional do trabalho, as autoras comentam que as professoras conseguem identificar que embora haja estabilidade, o trabalho não é prazeroso,

---

<sup>1</sup> Para uma leitura mais aprofundada recomendo o texto de OLIVEIRA, Walas Leonardo de; RIBEIRO, Luís Antônio. REFLEXÕES SOBRE A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA AMÉRICA LATINA. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v. 31, n. 3, p. 29–47, 2023. DOI: [10.35699/2238-037X.2022.40831](https://doi.org/10.35699/2238-037X.2022.40831). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/40831>. Acesso em: 01 jun. 2025.

principalmente por ser executado/organizado de maneira inviável, pois o planejamento do trabalho é realizado sem a consulta das professoras pela gestão municipal.

Desse modo, as autoras afirmam que a consolidação burocrática do cumprimento de metas, em “que seu trabalho praticamente se resume a “colocar no papel”, isto é, a escrever projetos, pois a execução de suas ideias será realizada por atendentes e estagiários. Com isso, se sentem excluídas do processo educacional, e seu trabalho fica esvaziado de sentido” (Fischer; Perez, 2019, p. 139).

No texto “*Condições de trabalho na Educação Infantil no Brasil: os desafios da profissionalização e da valorização docente*” (Locatelli; Vieira, 2019), que corresponde a uma pesquisa realizada com 137 professoras do Tocantins com a utilização de questionários, é possível identificar que a ampliação a todo custo do atendimento de crianças pequenas e bem pequenas contribui para a precarização do trabalho docente da Educação Infantil e o adoecimento das professoras, o que reflete o aumento dos afastamentos e das licenças.

Para as autoras, outro elemento importante a ser considerado é que o trabalho do cuidado é localizado como atividade subalternizada, alocando as professoras em situações de não reconhecimento profissional ou de qualificação profissional. Além do fato das estruturas inadequadas das instituições interferem nas condições emocionais e de humor das crianças gerando um efeito cascata das gestões das emoções das professoras, o que é ampliado em salas multisseriadas.

Silva, Ferreira e Rosso (2021), em “*As representações sociais de professoras da Educação Infantil em relação ao desgaste docente*”, analisam por questionário a percepção de 116 professoras de 10 CMEI de Ponta Grossa/PR sobre o trabalho docente. Na pesquisa, identifica-se que as turmas cheias que são relatadas pelas professoras correspondem a um maior desgaste devido ao “contingente de crianças em sala de aula, o que pressupõe um trabalho sobrecarregado e mecanizado” (Silva, Ferreira; Rosso, 2021, p. 07). Apontam, também, que a falta de professoras amplia o desgaste docente, pois além do processo de ensino, as professoras precisam realizar outras atividades.

As condições de trabalho, para os autores, são fatores que contribuem diretamente para o cansaço e a sobrecarga nos espaços de ensino, além do “aspecto da desvalorização que se apresentou como algo simbólico e identitário, ou seja, como se percebem e como os outros veem a profissão numa visão assistencialista e maternal” (Silva, Ferreira; Rosso, 2021, p. 14).

### 3.1.2 As percepções sobre saúde mental das professoras na Educação Infantil

Em o “*Trabalho docente e saúde das professoras de educação infantil de Pelotas, Rio Grande do Sul*” (Vieira; Gonçalves; Martins, 2016) é possível reconhecer a partir da aplicação de questionário (*job content questionnaire*) e da realização de entrevistas semiestruturadas com 196 professoras atuantes na Educação Infantil de Pelotas/RS, que a alta demanda psicológica e alto grau de controle são elementos centrais no laboro das docentes. Durante a pesquisa, os autores identificaram que as professoras “trabalham intensivamente e com tempo insuficiente para a realização das tarefas que lhes são exigidas, envolvendo demandas conflitantes, intensa concentração nas tarefas e constantes interrupções por problemas existentes dentro da própria organização escolar” (Vieira; Gonçalves; Martins, 2016, p. 563).

Os autores relatam, também, que o entendimento de que o trabalho docente na Educação Infantil possui “o estigma de ser a profissional da doação e se culpa por não alcançar os resultados almejados por ela e pela sociedade” (Vieira; Gonçalves; Martins, 2016, p. 571) e esta situação intensifica as demandas vivenciadas e a desvalorização profissional, assim como o apagamento do cansaço docente.

Ricardo, Amaral e Hobold (2018) na pesquisa “*Estresse em professoras de um centro de educação infantil*” analisam o estresse em professoras de um Centro de Educação Infantil de Santa Catarina, a partir de entrevistas com quatro professoras e observação participante. A pesquisa aponta que o estresse tem origem em fatores estruturais, como a precarização do trabalho docente, a sobrecarga de funções, a dificuldade de comunicação com as famílias e a falta de reconhecimento profissional. A metodologia qualitativa, com análise em prosa, revelou que as professoras entrevistadas apresentam sintomas evidentes de adoecimento emocional e físico, embora muitas não reconheçam a gravidade dos efeitos do estresse ou não busquem apoio profissional. O envolvimento afetivo excessivo com os alunos, somado à ausência de formação para lidar com os aspectos emocionais da profissão, contribui para quadros de ansiedade, insônia e até síndrome do pânico.

Os autores comentam que a dificuldade em perceber o que se sente em relação ao cansaço e os condicionantes de julgamento realizado pelos pais e gestão da escola também são pontos relatados pelas professoras como complicadores nos espaços de trabalho, gerando

uma maior sobrecarga mental para gestão das atividades a serem desenvolvidas.

Duarte *et. al.* (2019), na revisão de literatura intitulada “*Educação Infantil e saúde das professoras: estudos que se aproximam ao tema*” realiza um estado do conhecimento sobre a relação entre o trabalho docente na Educação Infantil e o adoecimento das professoras, com base em produções acadêmicas nacionais entre 2000 e 2017. A análise de 17 trabalhos (entre artigos, dissertações e teses) evidencia a precarização das condições laborais, o excesso de demandas emocionais e físicas, e a escassa valorização profissional como fatores determinantes para o mal-estar docente. As pesquisas apontam a alta incidência de distúrbios vocais, doenças osteomusculares, estresse, síndrome de burnout e outras enfermidades psíquicas entre as professoras da Educação Infantil, revelando um campo ainda negligenciado pelas políticas públicas e pelas próprias investigações acadêmicas.

As autoras comentam que o trabalho das professoras da Educação Infantil nas escolas públicas municipais tem sido marcado por transformações significativas, tanto no plano material quanto simbólico, que resultam na intensificação de suas funções e na ressignificação das representações sociais da docência. Além disso, discursos oriundos de esferas governamentais, midiáticas e sociais vêm contribuindo para uma compreensão cada vez mais restrita da educação, reduzida ao cumprimento de metas.

Yaegashi *et. al.* (2023) em sua revisão de literatura sobre “*Estresse e burnout na profissão docente: um estudo sobre as condições de trabalho dos professores da educação infantil*” mapeia através das análises de teses e dissertações, produzidas entre 2001 e 2021, os principais fatores psicossociais, estruturais e relacionais que contribuem para o estresse e a Síndrome de Burnout entre docentes da Educação Infantil. A análise de apenas dez estudos selecionados evidencia a carência de pesquisas focadas nesse nível de ensino, o que já indica uma negligência estrutural. Os principais fatores apontados envolvem sobrecarga de trabalho, más condições ambientais, ausência de apoio institucional, baixa remuneração, exigências emocionais e burocráticas intensas, além de um ambiente escolar hostil ou desestruturado. O estudo também aborda a responsabilidade civil das instituições de ensino diante de contextos laborais que promovem adoecimento.

Os autores comentam que apesar de os professores demonstrarem resistência e apego à profissão, enfrentam desgaste físico e emocional que compromete sua saúde e qualidade de vida. A invisibilização do sofrimento docente, somada à tendência neoliberal de

responsabilização individual, ignora a precarização sistêmica das condições de trabalho, o que culmina na ausência de políticas públicas e institucionais de proteção e cuidado ao docente.

Em “*Reflexões sobre o mal estar docente no campo da Educação Infantil*” (Abreu; Melo, 2023) é analisada as origens do mal-estar docente na Educação Infantil, a partir de uma pesquisa qualitativa com 32 professoras, utilizando questionários online e análise de conteúdo. A investigação identifica dois grupos de fatores que contribuem para o sofrimento profissional: os fatores diretos, como desvalorização, baixos salários, precarização, políticas neoliberais e cerceamento da autonomia; e os fatores indiretos, como a associação social entre professoras e figuras maternas, ausência de cultura de valorização das infâncias e falta de parceria das famílias. As autoras associam esses fatores a um modelo histórico de profissionalização baseado em assistencialismo e à adesão do Estado a uma lógica mercadológica que desumaniza e sobrecarrega as docentes.

Para as autoras, mesmo que as professoras ainda expressem satisfação com a profissão pela possibilidade de contribuir com o desenvolvimento humano das crianças, os sintomas relatados — ansiedade, desmotivação, impotência e angústia — revelam um quadro alarmante de adoecimento. A crítica é contundente ao denunciar políticas públicas que invisibilizam as condições reais de trabalho e impõem ideais inalcançáveis de desempenho, agravando o sofrimento das docentes.

Finalizando as análises da revisão realizada, temos o trabalho de Bueno *et. al.* (2023) intitulado “Trabalho e saúde: o sofrimento mental de professoras da educação infantil” que investiga a prevalência de Distúrbios Psíquicos Menores (DPM) em 123 professoras da Educação Infantil da rede pública de Uruguaiana/RS, utilizando o Self-Report Questionnaire-20 (SRQ-20). O estudo identificou que 34,1% apresentavam sintomas sugestivos de DPM, com destaque para humor depressivo-ansioso e queixas somáticas. Os fatores significativamente associados ao sofrimento mental incluem baixa renda familiar, insatisfação com a remuneração, menos de oito horas de sono, ausência de acompanhamento psicológico e uso de psicofármacos; refletindo a precarização do trabalho docente, marcada por sobrecarga, estigmas de gênero e ausência de políticas efetivas de cuidado à saúde mental.

A pesquisa foi realizada no início da pandemia da COVID-19 e revela um quadro

preocupante de adoecimento mental entre professoras de Educação Infantil, agravado pela dupla jornada, falta de valorização e medicalização do sofrimento. A pesquisa reforça a necessidade urgente de políticas públicas ancoradas no modelo biopsicossocial, que promovam condições de trabalho mais dignas e estratégias de suporte emocional às docentes, reconhecendo os impactos diretos na qualidade do ensino e nas relações escolares

### 3.2 APROXIMAÇÕES DO CAMPO DE PESQUISA: A PESQUISADORA

No dia 02 de setembro falei pela primeira vez com a gestora da escola onde iria fazer a minha pesquisa de campo para elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Relatei que queria fazer a pesquisa com as professoras e fiz um resumo prévio do que seria o estudo. De antemão, achei ela bem receptiva e me disse que entraria em contato com a coordenadora para falar a respeito. Uma semana depois, ela entrou em contato comigo e falou que a coordenadora iria marcar uma reunião para que pudéssemos falar sobre a pesquisa. No dia 16 de setembro fizemos a reunião com as professoras do turno matutino e vespertino no final do expediente, ou seja, após a saída dos alunos. Tínhamos menos de meia hora para que eu pudesse resumir o motivo delas estarem ali. Eu estava muito nervosa, mas tinha confiança e queria mostrar para cada uma, algo que talvez pudesse mudar a forma de como estão enfrentando a rotina cansativa e desgastante de ser professora.

A gestora iniciou a reunião e falou que eu estava ali para apresentar minha intenção de pesquisa e gostaria da participação das colegas. A princípio, relatou também que a coordenadora havia aceitado e que a escola só teria a ganhar com essa pesquisa. Em seguida, fiz uma breve apresentação sobre o que estava estudando, falei sobre os questionários que iria distribuir para cada uma delas e na medida em que ia falando, observava o olhar atento de cada uma.

Apesar de ser uma escolha por conveniência por trabalhar na escola e conhecer as colegas do turno matutino, pude observar esses mesmos olhares atentos e indignados por estar tomando o tempo delas e alguns cochichos. Mesmo estando em um “local confortável”, na maioria das vezes, somos vistos por nossos colegas como alguém que está ali somente para ensinar e que não vai passar disso.

Encerrei a minha fala e no final uma das professoras foi até mim para me agradecer

pela iniciativa de querer pesquisar sobre nosso trabalho e me incentivou a continuar e não desistir. Isso mostra que mesmo diante das dificuldades, da rotina exaustiva e da vontade de abandonar a carreira docente, tem pessoas que reconhecem nossos esforços, as lutas diárias para estar ali e a vontade de pesquisar uma realidade de todas, uma luta coletiva que na maioria das vezes, não tem um reconhecimento significativo.

Dando continuidade a esse momento, as professoras do turno vespertino foram mais receptivas, animadas e descontraídas. Assim como na reunião da manhã, a gestora iniciou a reunião, logo após eu conversei com elas e fiz a entrega dos questionários. No final da reunião, algumas professoras tiveram a curiosidade de abrir os questionários e leram algumas perguntas e até brincaram entre si falando: *“Será que podemos marcar todas as opções na questão onde fala em qual período do ano nos sentimos mais cansadas? Porque estamos cansadas em todos os períodos”*. Outra professora falou: *“É para mentir ou falar a verdade? Porque ela iria ajudar a colega falando somente a verdade”*. Com certeza, esse contato com as colegas da tarde me fez querer ir mais afundo com essa pesquisa

Ao final das reuniões, a gestora falou para as professoras uma frase que me chamou muita atenção e ecoou por dias em meu pensamento e que nomeia o tópico de análise dos questionários: *“Não é para mascarar as respostas de vocês sobre as dificuldades, relatem todas elas, mas não detonem a escola como uma das piores”*. Essa fala me fez refletir que no fundo ela sabe e passa as mesmas dificuldades, as mesmas frustrações, o mesmo cansaço e a mesma negligência por parte da gestão de uma maneira mais ampla; mas, também, reforça os espaços de vigilância e controle sobre as percepções das professoras no trabalho.

A aplicação dos questionários foi razoável, todas receberam e se disponibilizaram a responder, pois devido ao tempo as respostas não ocorreram na reunião. Por isso, estipulei uma semana contando com o dia da reunião para que pudessem fazer a entrega. O turno matutino não me deu tanto trabalho porque sempre estava ali com elas e aproveitava para lembrá-las do prazo final para recebimento. As professoras do turno vespertino por não trabalhar à tarde e não vê-las, foram as que mais deram trabalho. Tive dificuldade no recebimento porque algumas esqueciam em casa, não sabiam onde tinham guardado ou não haviam respondido ainda. Passou o prazo final para recebimento e eu ainda cobrava delas e a gestora sempre esteve solícita nessa cobrança, me dava sempre o retorno de quem ainda estava faltando entregar. Desse modo, concluí com o recebimento de 100% dos questionários

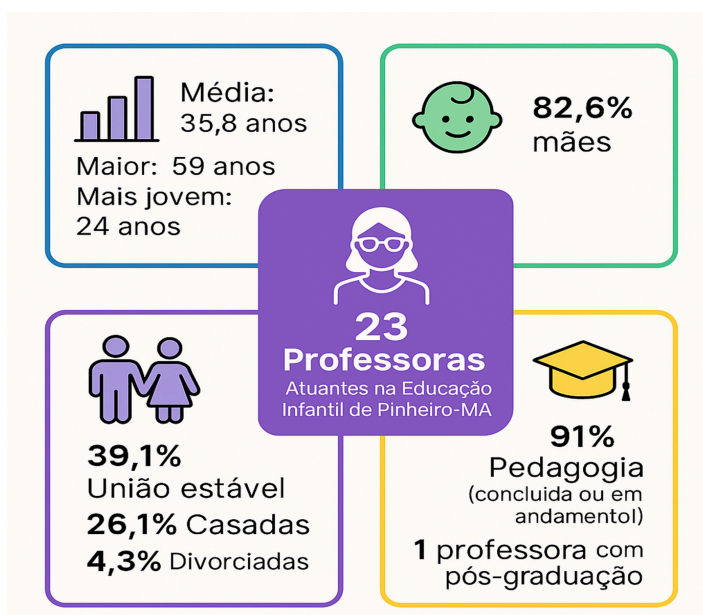


entregues.

### 3.3 “NÃO É PARA MASCARAR AS RESPOSTAS DE VOCÊS SOBRE AS DIFICULDADES, RELATEM TODAS ELAS, MAS NÃO DETONEM A ESCOLA COMO UMA DAS PIORES”: AS ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS QUESTIONÁRIOS

As participantes da pesquisa foram 23 professoras atuantes exclusivamente na Educação Infantil no município de Pinheiro, tendo como escola referência de atuação a escola campo de pesquisa<sup>2</sup>, apresentando a média de idade de 35,78 anos, sendo a maior idade 59 anos e a menor idade 24 anos. A maioria são mães (ver gráfico 1), com união estável (ver gráfico 2) graduadas em Pedagogia (ver gráfico 3). É importante ressaltar que apenas uma das participantes possui pós-graduação.

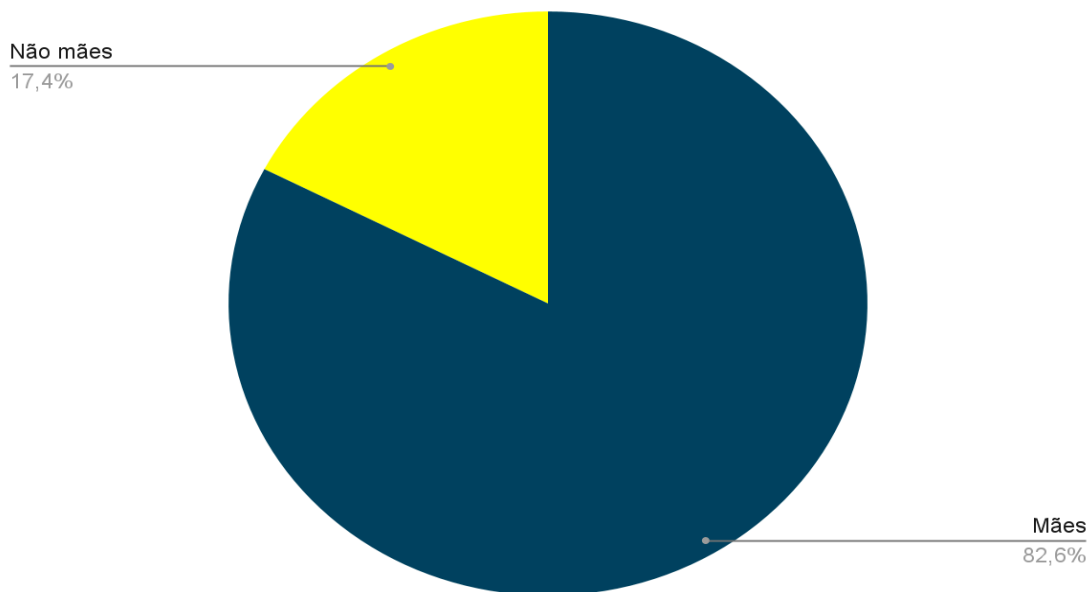
Figura 2: Ilustração da distribuição da identificação das professoras



Fonte: Autora, 2025

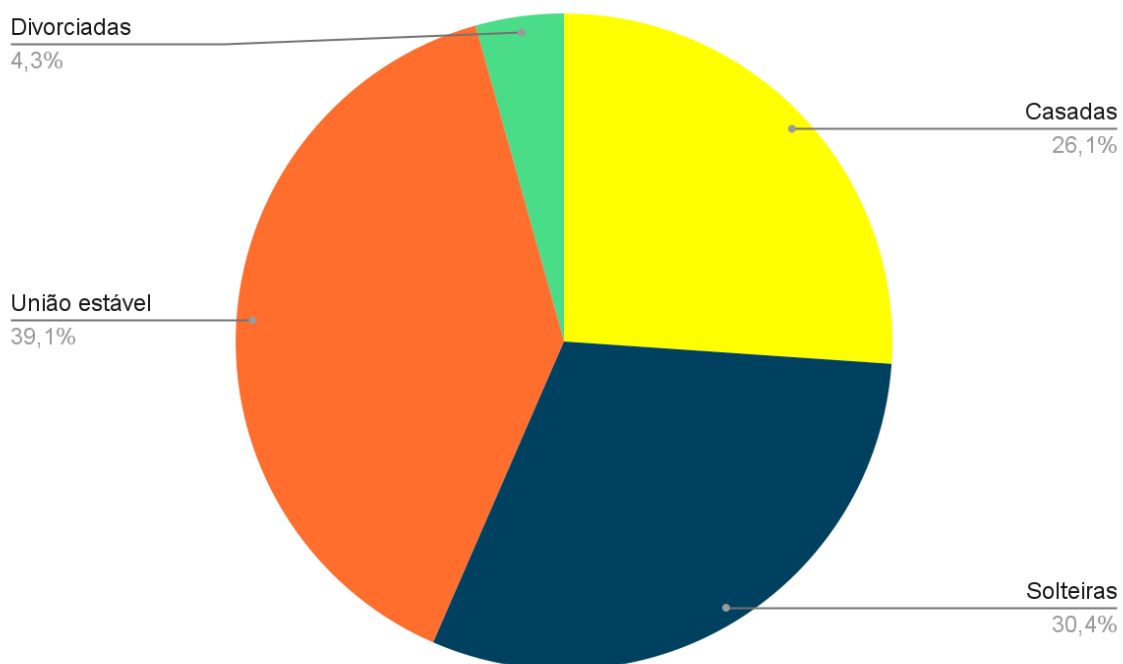
**Gráfico 1:** Distribuição do quantitativo de maternidade entre as professoras

<sup>2</sup> Como critério de preservação na identidade das professoras participantes, optei por não mencionar o nome da escola na qual a pesquisa foi realizada, por isso a utilização do termo escola campo de pesquisa.



Fonte: Autora, 2025

**Gráfico 2:** Distribuição da autodeclaração de estado civil



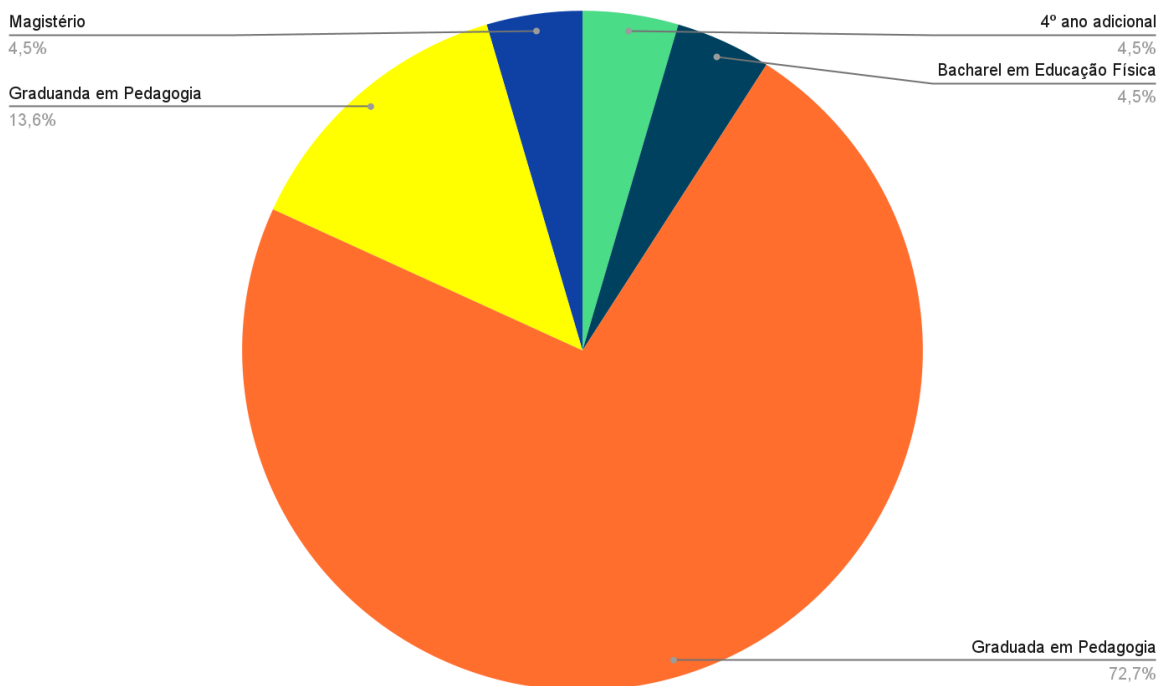
Fonte: Autora, 2025

Quando analisamos a distribuição do exercício de maternidade e da autodeclaração do estado civil, destacamos que a maioria são mães (82,6%), que já vivenciaram ou vivenciam a

função de casadas, associando a união estável (39,1%), casada (26,1%) e divorciada (4,3%). Dessa forma, a jornada de trabalho para além da atividade laborativa remunerada a maioria das professoras exercem jornadas duplas quando olhamos para a configuração familiar, mesmo que de maneira superficial, podemos supor um aumento da carga mental de gestão das atividades de casa e do trabalho.

Paula *et. al.* (2022), comenta que o burnout parental é predominante em mães e se caracteriza por ser um processo multifatorial que desregula o sono e que “a irregularidade, a curta duração e a fragmentação do sono podem afetar o desempenho neurocomportamental e a qualidade de vida e saúde dos afetados, podendo predispor às duas condições” (Paula, *et. al.*, 2022, p. 07). A autora acrescenta que o esgotamento emocional dos pais podem levar ao burnout em relação ao trabalho, já que há uma dificuldade em gerir as emoções e o cansaço.

**Gráfico 3:** Distribuição da formação acadêmica das professoras



Fonte: Autora, 2025

Analisando a distribuição formativa das professoras é possível identificar que a Educação Infantil é constituída, na escola campo de pesquisa, por pessoas atreladas aos

espaços da pedagogia, seja na compreensão do magistério (duas professoras), seja na formação superior concluída ou em andamento (21 professoras). Embora a Educação Física também possa ocupar os espaços da educação infantil de acordo com a BNCC, isso não é evidente na escola, a qual conta com apenas uma professora com a formação.

Outro ponto a se ressaltar é que todo o corpo docente é composto por mulheres, corroborando com as compreensões da divisão sexual do trabalho em que o cuidado como representação do feminino é uma construção onde associa as mulheres no cuidado das crianças pequenas. Isso remete desde os tempos antigos, onde a sociedade via a figura feminina como alguém disposta a cuidar, a dar afeto, a lidar com os afazeres domésticos e sobretudo, cuidar dos seus filhos (Folbre, 2021). Ainda hoje, mesmo com a modernização e com os espaços que as mulheres vêm exercendo, as escolas ainda vêm esse cuidado voltado somente para as professoras. E isso parte também dos pais, onde nos enxergam como segunda mãe, babás ou tia dos seus filhos.

Durante os momentos de observação, principalmente quando os responsáveis no entregam as crianças, algumas falas vindas desses pais/mães deixa claro essa associação: *“Eu trouxe ele porque queria muito vir para a escola, mas fica observando porque ele tá um pouco febril, qualquer coisa se ele passar mal, me liga”*, *“Eu trouxe um remédio para você dar para ele, tá com dor de barriga, tem que tomar na hora certa para não acontecer algo indesejado”*, essas e outras falas na maioria das vezes, nos fazem questionar sobre o papel que estamos exercendo na escola: cuidar e educar.

Para a sistematização e análise das respostas das professoras, as informações foram categorizadas em quatro grandes categorias: 1) Precarização do trabalho, 2) Sensação de sobrecarga no trabalho, 3) Estratégias de redução da sobrecarga e 4) Condução da gestão da escola. Os dados serão apresentados a seguir.

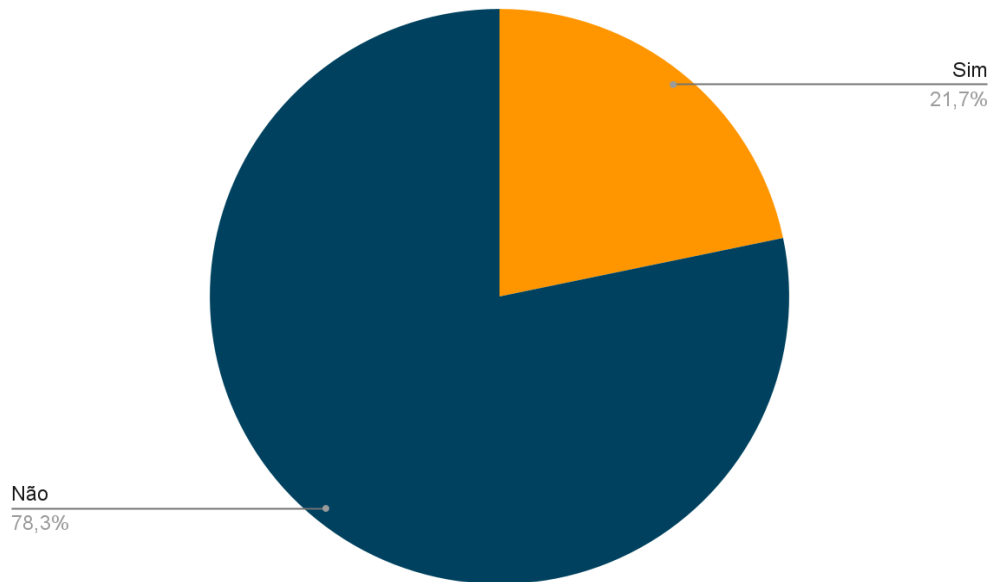
### **3.3.1 Precarização do trabalho**

No processo de categorização as perguntas associadas à compreensão da precarização do trabalho corresponderam às questões: *Você exerce sua função laborativa de ensino em outra instituição? Você trabalha em quantos turnos? Você exerce somente a profissão de professora ou tem outra profissão?*

Quando questionadas sobre exercerem função laborativa em outra instituição, três

professoras responderam que exercem e estão em outros espaços, sendo a maioria com exercício de suas atividades exclusivamente na escola campo de pesquisa (ver gráfico 4).

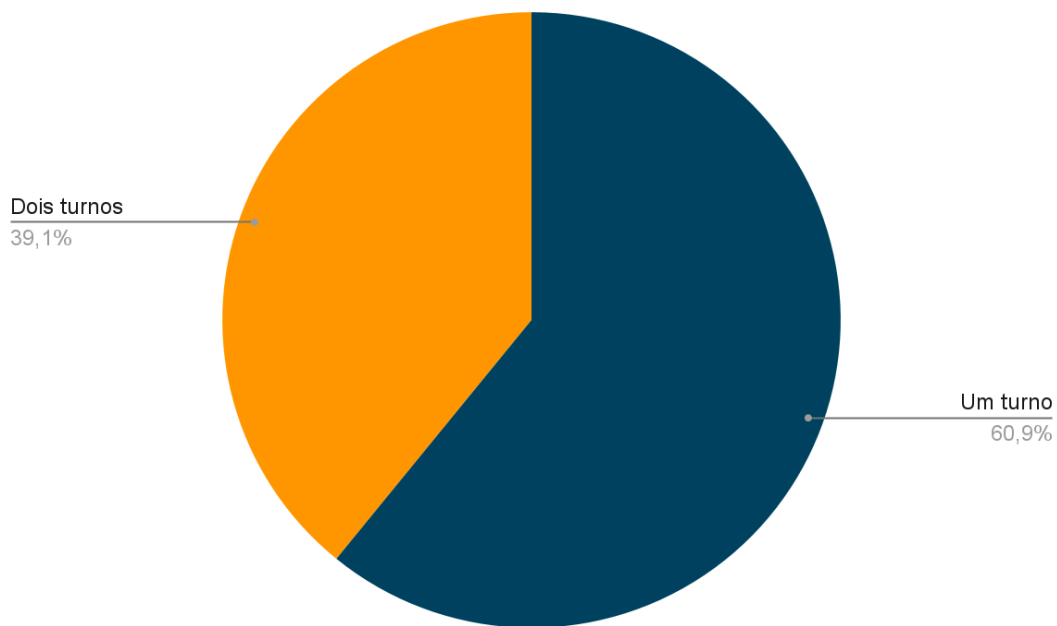
**Gráfico 4:** Quantitativo de professoras que exercem a função laborativa em outra instituição



Fonte: Autora, 2025

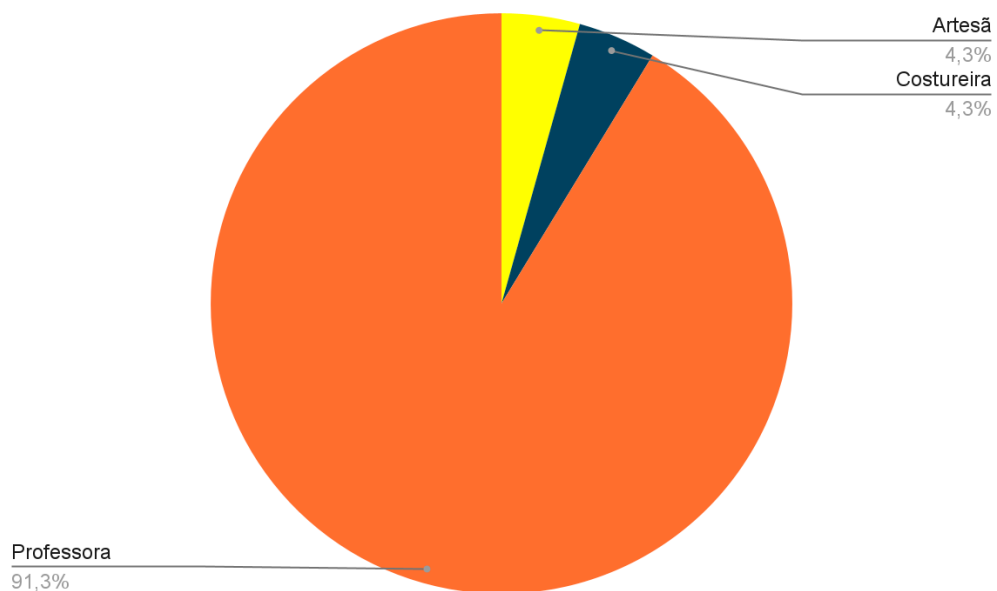
No entanto, quando questionadas sobre trabalharem em dois ou mais turnos como forma de identificação de distribuição de carga horária de trabalho, a maioria das professoras (60,09%) trabalham somente em um turno (ver gráfico 5). O que pode evidenciar que as participantes trabalhem seus dois turnos na mesma escola, já que apenas 21,7% estão em outras instituições como vimos no gráfico 4.

**Gráfico 5:** Carga horária de trabalho por turno das professoras



Fonte: Autora, 2025

**Gráfico 6:** Distribuição de professoras que exercem somente a docência ou outra ocupação



Fonte: Autora, 2025

Observando o gráfico 6, associado aos gráficos 4 e 5, é possível observar que embora as professoras desempenhem outras funções manuais (artesã e costureira), em sua maioria a única atividade é o processo de ensino/atividade docente.

As respostas identificadas nos questionários corroboram com que os estudos de Locatelli e Vieira (2019) e Silva, Ferreira e Rosso (2021) em que a valorização docente em relação aos salários e outros incentivos são reduzidos, acarretando ao desdobrando de mais trabalho, seja em outras instituições ou na ampliação da jornada de trabalho na mesma instituição.

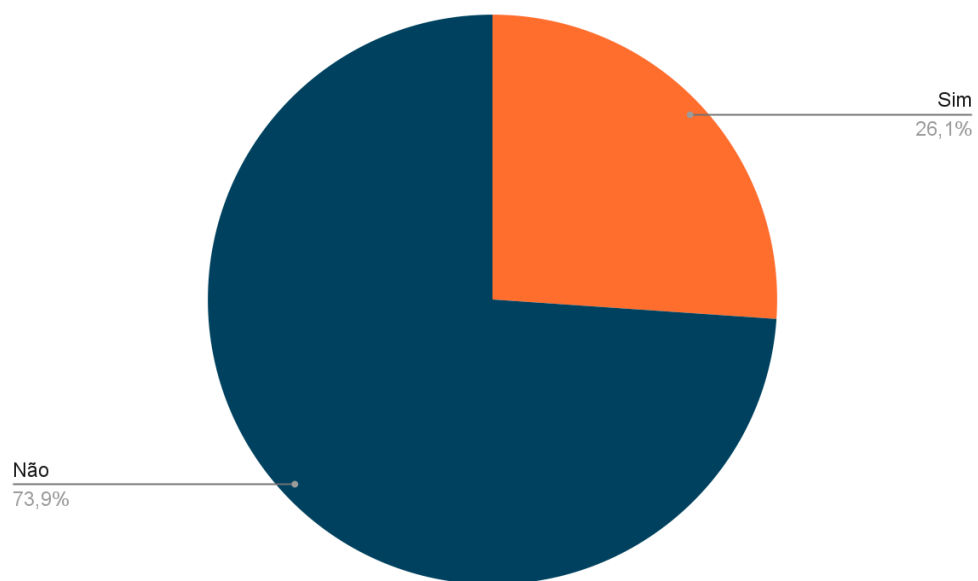
A redução do tempo de planejamento e de preparação das atividades são condicionantes que ampliam a percepção da precarização do trabalho (Sampaio; Marin, 2004), se colocarmos no centro as reformulações que os sistemas de ensino vem sofrendo nos últimos anos, isso fica muito mais evidente.

### **3.3.2 Sensação de sobrecarga no trabalho**

Os gráficos a seguir apresentam as percepções das professoras quanto à sobrecarga no ambiente de trabalho, bem como sua capacidade de identificar o período do ano em que esse cansaço se intensifica.

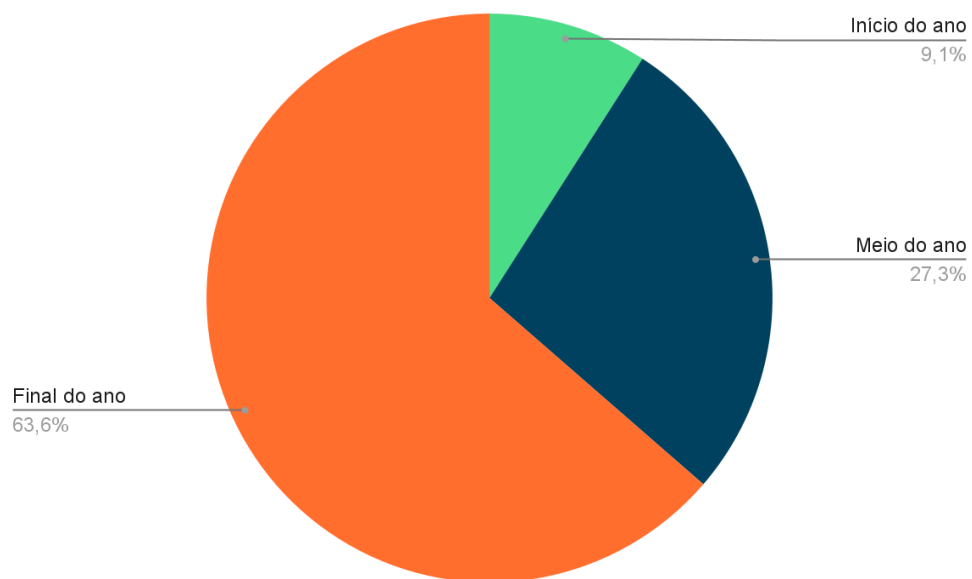
Quando nos referimos sobre se sentirem sobrecarregadas no trabalho, 73, 9% das participantes afirmam que não (ver gráfico 7). No entanto, durante os momentos de observação na escola e em conversas informais as queixas eram frequentes. Talvez o percentual das respostas tenha sido identificado para não demarcar para gestão que há a percepção de sobrecarga, afirmo isso por levar em consideração o que se expressa no gráfico 8 sobre a identificação do período em que o cansaço é intenso.

**Gráfico 7:** Percepção da sobrecarga no ambiente de trabalho



Fonte: Autora, 2025

**Gráfico 8:** Período do ano em que sentem mais cansaço



Fonte: Autora, 2025



No gráfico 8 fica demarcado a percepção do cansaço com maior intensidade no final do ano com 63,6% das respostas, seguido do meio do ano com 27,3%. É importante ressaltar que apenas uma professora marcou todas as opções sobre em qual período do ano ela se sente mais cansada, deixando claro que o cansaço perdura o ano todo.

O cansaço intensificado no final do ano pode estar associado ao fechamento das atividades do ano letivo, a construção dos relatórios e preparação das atividades festivas, tendo em vista que o segundo semestre é mais intenso devido ao encurtamento do tempo das aulas pelo recesso escolar de dezembro.

O cansaço é um dos fatores que afeta de maneira significativa o planejamento das professoras. A rotina intensa de metas a serem cumpridas, nas preparações das aulas, nos recursos didáticos diários e no dia a dia com alunos e pais, leva a um processo de exaustão e desgaste, o que acaba impactando no processo de criatividade e na execução das tarefas. Quando questionadas sobre a maneira que o cansaço impacta no processo de planejamento, obtivemos as seguintes respostas:

*Professora Margarida: Infelizmente hoje temos muitas crianças com dificuldades em diversos aspectos, e muitas vezes não temos um profissional que possa nos dar apoio com essas crianças. Diante disso, acaba que muitas vezes não conseguimos desenvolver o trabalho que gostaríamos.*

*Professora Cravo: Com desânimo.*

*Professora Lírio: No raciocínio e no meu dinamismo.*

*Professora Orquídea: Quando há a “pressão” de conciliar planejamento, assuntos que surgem fora da sequência didática e a falta de empatia com os próprios professores.*

*Professora Tulipa: Nossa profissão exige muito, pois o acúmulo de tarefas a serem realizadas, acabam desgastando-nos.*

*Professora Azaléia: Dificuldade de concentração, raciocínio mais acelerado.*

*Professora Girassol: Devido ao cansaço, sinto que passa para as crianças, deixando-as mais dispersas e agitadas.*

*Professora Hortência: De maneira bem significativa. Uma mente cansada desestrutura todo um processo de planejamento tanto psicológico, quanto físico.*

*Professora Rosa: Uma rotina cheia de afazeres tende a demandar ritmos intensos, o que pode impactar na promoção da saúde física e mental.*

*Professora Camélia: Na falta de criatividade e no ânimo.*

*Professora Dália: O cansaço físico.*

*Professora Jasmim: De maneira que impossibilita a execução das atividades planejadas com perfeição. Porém, dou o máximo de mim para que saia tudo certo.*

*Professora Antúrio: A melhor forma de estabelecer um ritmo que permita aprender todo o conteúdo, é minimizar o cansaço.*

*Professora Bromélia: Meu rendimento diminui e me sinto indisposta para realizar minha rotina diária.*

*Professora Petúnia: Meu cansaço impacta relativamente no processo de planejamento, pois às vezes eu consigo fazer mesmo cansada, em outras vezes, não.*

As falas das professoras se consolidam na compreensão de que o cansaço é inerente ao seu fazer laborativo, nos convidando a pensar como a exaustão faz parte do *métier* docente, especialmente na Educação Infantil. Silva *et. al.* (2023) comenta que, na contemporaneidade, a profissão docente enfrenta exigências cada vez mais intensas,

marcadas por um ritmo de trabalho acelerado, cobrança por produtividade, falta de autonomia, baixa remuneração e múltiplas demandas que se entrelaçam a processos de desvalorização e desqualificação social. Soma-se a isso o esforço físico e mental exacerbado, num contexto globalizado que impõe flexibilidade constante e o domínio de novas tecnologias como parte da prática pedagógica. Esse conjunto de pressões têm contribuído para o adoecimento físico e psicológico dos professores, gerando um ambiente de trabalho adverso à qualidade de vida e favorecendo o surgimento de mal-estares que comprometem a saúde e a permanência desses profissionais na educação.

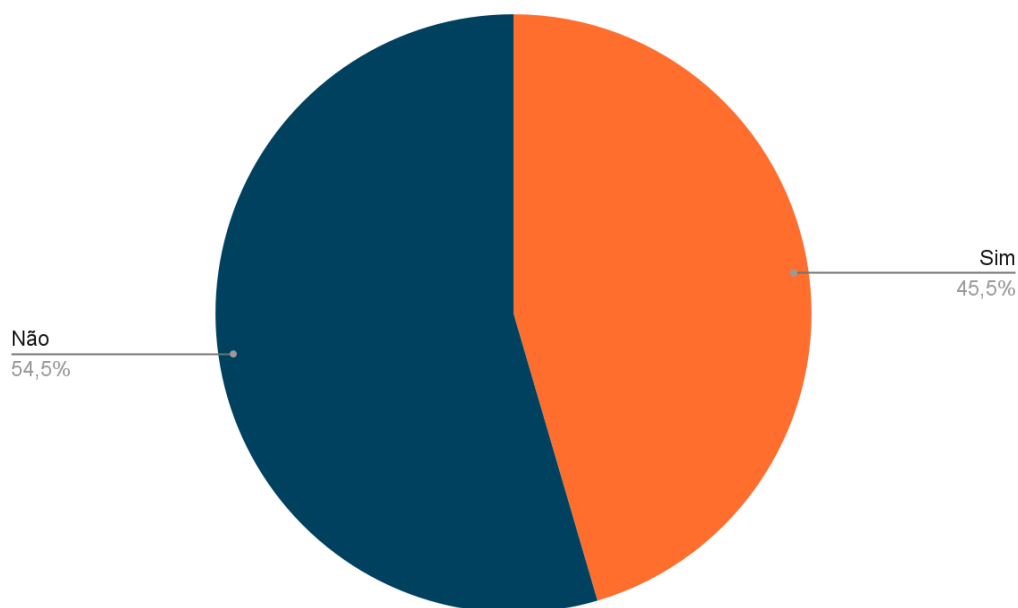
No entanto, algumas professoras optaram por não responder a pergunta e outras evidenciaram que o cansaço não impacta no seu planejamento. Como podemos observar nas falas a seguir:

*Professora Hibisco: Eu desconsidero essa possibilidade, até porque os nossos planejamentos são desenvolvidos de forma coletiva. Pensando nessa proposta, não vejo que chegue a impactar o nosso cansaço.*

*Professora Camomila: Não impacta, pois não me sobrecarrega.*

As reflexões das professoras relacionadas ao impacto do cansaço refletem uma problemática preocupante: a probabilidade em abandonar a carreira docente. Ao se depararem com o estresse, a falta de apoio e a dificuldade em manter um ensino de qualidade, acabam questionando a sua permanência na profissão (ver gráfico 9). Pois de acordo com Silva *et. al.* (2023) é preciso compreender as transformações do trabalho e não somente considerar o docente de maneira individualizada, mas destacar que o descontentamento e o cansaço são frutos de um sistema de desvalorização e desumanização do trabalho.

**Gráfico 9:** Reflexões acerca do abandono na carreira docente.



Fonte: Autora, 2025

Ao observarmos o gráfico 9, identificamos que 45,5% das professoras já pensaram em abandonar a carreira docente. Quando questionadas sobre o motivo da desistência, observamos que a maioria deixa em evidência o cansaço, a falta de reconhecimento por parte da gestão da escola, cobranças dos pais, a falta de companheirismo entre as professoras, infraestrutura da escola e o anseio por um trabalho melhor e com menos desgaste físico e emocional como relatam nos trechos a seguir:

*Professora Cravo: Sim, por cansaço e falta de reconhecimento.*

*Professora Lírio: Sim. Por conta das salas superlotadas e sem condições confortáveis tanto para o professor, quanto para as crianças.*

*Professora Tulipa: Sim. Não em virtude da profissão que é linda, necessariamente. Por conta da desvalorização do professor e políticas públicas que resguardam nossos direitos.*

*Professora Azaléia: Sim, descontentamento com alguns aspectos da profissão*

*Professora Girassol: Sim, não pelas cobranças ou por excesso de trabalho, mas por palavras inadequadas no ambiente de trabalho, sinto que precisamos trabalhar em um ambiente harmonioso para que possamos desenvolver nosso trabalho.*

*Professora Hortênsia: Sim! Muitas vezes pelo cansaço e a correria do dia; também pelos conflitos e opiniões diferentes por parte dos demais colaboradores, trazendo muitas vezes contendas entre os mesmos.*

*Professora Hibisco: Sim, motivos pessoais mesmo, pois tenho outros planos para o futuro.*

*Professora Margarida: Sim! Vivemos uma era onde as crianças já não obedecem aos comandos dos professores, pais que só querem cobrar da escola e não fazem a sua parte enquanto pais.*

*Professora Camomila: Sim, exercer outra profissão na área da saúde.*

*Professora Orquídea: Sim. A falta de companheirismo por algumas das “partes” que envolve os docentes da Instituição.*

Entretanto, há aquelas que mesmo com a sensação de cansaço não pensam em desistir da docência, e apenas uma delas optou em não responder a questão.

*Professora Jasmim: Não, apesar dos obstáculos da profissão eu me identifiquei e aprendi a amar a minha profissão.*

*Professora Íris: Já abandonei uma vez, depois de quatro anos voltei novamente. De lá para cá não penso mais em abandonar.*

A percepção afetiva do cuidado e o acompanhamento das crianças em seu processo de desenvolvimento podem ser reconhecidos como apaziguadores do descontentamento com o

trabalho na Educação Infantil, o que fica evidente com a fala “apesar dos obstáculos [...] aprendi amar”.

### 3.3.3 Estratégias da redução da sobrecarga

Quando questionadas sobre o que fazem para reduzir o cansaço, as professoras têm buscado estratégias que visem promover o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. Momentos de lazer são importantes e fundamentais para aliviar essa sobrecarga no dia a dia, como a prática de atividades físicas, lazer, estar com a família e se desligar totalmente do trabalho. Essas práticas rotineiras ajudam a aliviar a carga de trabalho e são essenciais para que executem suas funções com mais eficácia. Apenas duas professoras optaram em não responder a questão. Podemos observar essas estratégias nos trechos a seguir:

*Professora Jasmim: tento ao máximo sair da rotina, faço atividades físicas regulares.*

*Professora Tulipa: No contraturno busco alternativas para equilibrar o cansaço físico e mental com outras fontes, como espiritual e social.*

*Professora Azaléia: Diminuo em 50% as atividades em geral.*

*Professora Girassol: Tento acordar cedo e realizar minhas tarefas pela manhã, sinto que consigo ser mais produtiva.*

*Professora Orquídea: Procuo estar bem fisicamente e mentalmente, praticando atividades físicas e momentos de lazer.*

*Professora Rosa: Praticar exercícios físicos, dormir bem pelo menos 7/8 horas por noite, ter uma alimentação saudável em vitaminas.*

*Professora Camomila: Tento pensar que é só uma fase, que tudo irá melhorar com o passar dos dias.*

*Professora Margarida: Procuo me desligar dos afazeres escolares, durmo e passeio.*

*Professora Petúnia: Sacrifico um pouco de tempo disponível e adianto algumas atividades, me gerando mais tempo para descansar.*

*Professora Lótus: De forma divertida: (indo em festas dançar).*

*Professora Bromélia: Costumo praticar atividades físicas: caminhada, musculação; beber bastante água.*

*Professora Antúrio: Costumo relaxar e fazer atividades que reduzem o cansaço.*

*Professora Açucena: Uma boa caminhada.*

*Professora Flor de Lis: Sair em família.*

*Professora Peônia: Procuro a melhor forma de organização e adiantamento das atividades.*

*Professora Camélia: Tento dormir mais cedo que o costume.*

*Professora Dália: Faço pausas entre uma tarefa e outra, é essencial para descansar a mente e não ultrapassar os limites.*

*Professora Hibisco: Sempre estou buscando formas para relaxar em meus dias de folga, fazer algumas coisas que gosto e me sinto bem.*

*Professora Hortênsia: Estou sempre buscando momentos de lazer através de esportes, momentos com a família e amigos.*

*Professora Lírio: Evito esforço físico durante todo o dia.*

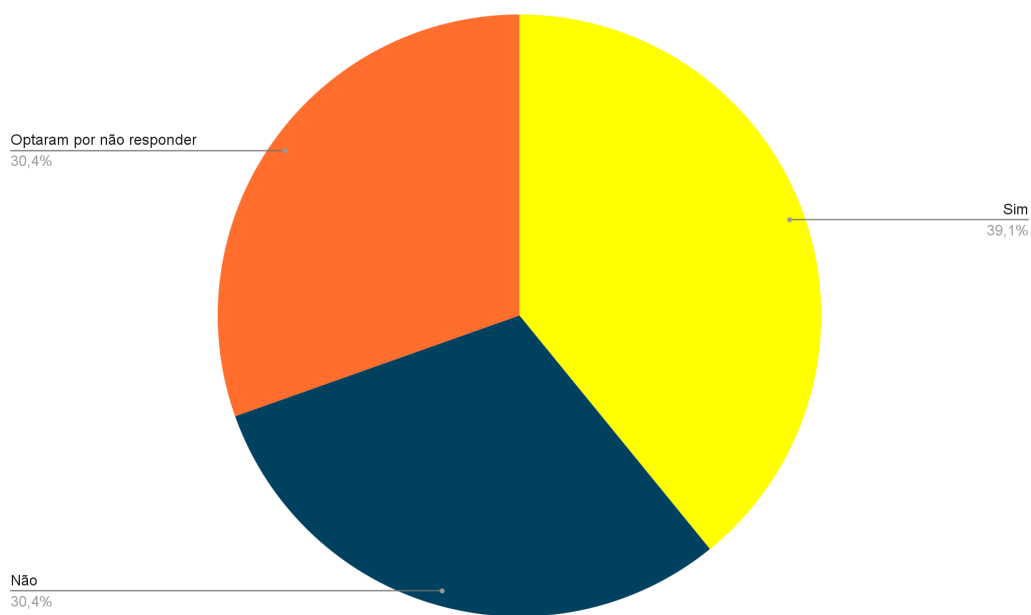
*Professora Cravo: Tento nos finais de semana me desligar da rotina de trabalho.*

A ociosidade ou tempos de pausa sem fazer nada aparecem nas falas das professoras, o que fica evidente nos trechos “faço pausas”, “me desligar dos afazeres” ou “desligar da rotina”, como formas de reduzir os estímulos da produtividade excessiva.

### 3.3.4 Condução da gestão da escola

Quando questionadas sobre o acolhimento por parte da gestão diante do cansaço visível, as professoras em sua maioria responderam que se sentem acolhidas em momentos de cansaço (39,2%), sendo que 30,4% optaram por não responder a pergunta por não se sentirem seguras ou sentirem receio de identificação, em contrapartida, apenas 30,4% afirmam que não sentem esse acolhimento pela gestão quando estão cansadas (ver gráfico 10).

**Gráfico 10:** Percepção sobre o acolhimento da gestão em relação ao cansaço



Fonte: Autora, 2025

Ao evidenciar as justificativas, identificamos que as falas se alinhavam com a percepção de cuidado, como podemos observar nos trechos abaixo:

*Professora Rosa: Sim, buscar a melhor solução possível para a situação apresentada.*

*professora Girassol: Acredito que em parte sim, mas sabemos que*



*nem sempre isso é possível, pois precisamos entregar resultados da mesma forma que eles.*

*Professora Margarida: Sim! A gestão sempre que possível está nos ajudando nos afazeres pedagógicos.*

*Professora Tulipa: Sim. São pessoas acolhedoras, o cansaço se dá não por pessoas, mas, pela atuação do professor que busca alcançar novas transformações.*

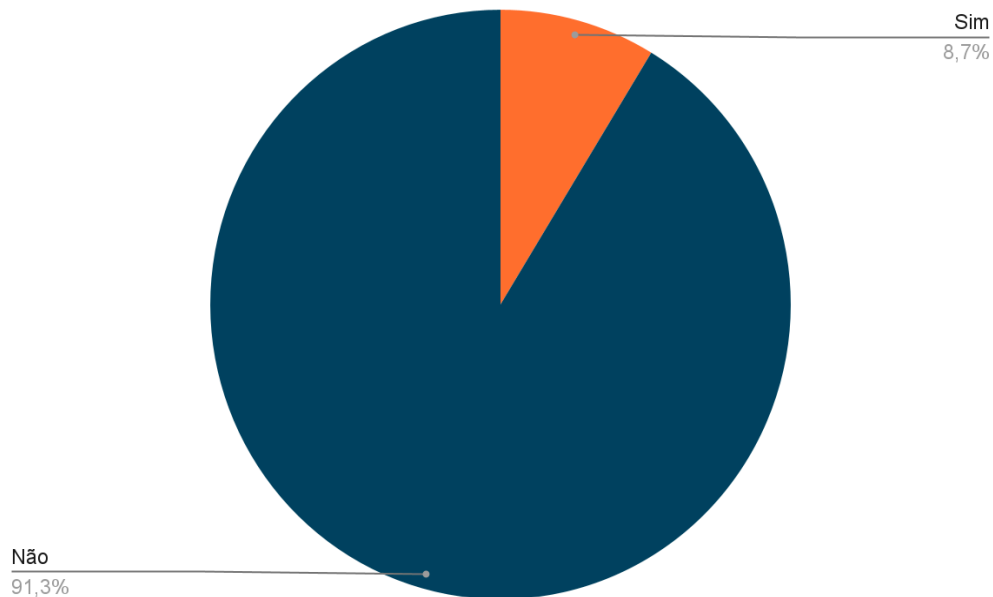
*Professora Violeta: Sim, quando passei por um momento difícil com um aluno tive um ótimo acolhimento e preocupação.*

Entretanto, há aquelas que não sentem esse acolhimento, sentem-se abandonadas, desamparadas, sem a percepção de cuidado e apoio, como evidencia o trecho a seguir:

*Professora Orquídea: Não! A escola não oferece suporte necessário para nós professoras, pelo contrário, são tantas cobranças, metas a serem alcançadas que esquecem do principal: o acolhimento.*

Após a identificação da presença ou não do acolhimento, nos direcionamos para reconhecer se há políticas que auxiliam na saúde mental das professoras (ver gráfico 11). Assim temos como respostas que não há ações ou qualquer política para acolhimento de saúde mental das professoras com 91,3% das respostas sendo não.

**Gráfico 11:** Política para auxiliar na saúde mental das professoras



Fonte: Autora, 2025

A percepção das professoras sobre o não acolhimento ou até sobre as ações de cuidado de saúde mental na escola campo de pesquisa é algo que se reflete em outros espaços educacionais em que a saúde e bem estar mental dos docentes são colocados em segundo plano ou simplesmente invisibilizados. Pesquisas como a de Silva *et. al.* (2023, p. 03) afirmam que

O professor é um trabalhador, mas essas concepções de trabalho o desterritorializa das próprias condições de seu fazer e o enlaçam no valor social do trabalho, muito mais que as condições materiais, econômicas e insalubres do seu cotidiano. O trabalho do professor transcende a jornada laboral; esse tempo invade outros espaços de vida e o adocece, o destituindo de um tempo para viver.

A romantização do trabalho docente como dom também contribui para a não percepção do desgaste e do cansaço que o docente enfrenta em sua jornada, assim como o desmerecimento à valorização como destaca Balinhas *et. al.* (2013, p.262) ao dizer que “sacrifício se naturaliza como um componente quase inexorável da profissão docente. O mestre da renúncia de si, do sacrifício pelo outro, com o peso das condições de trabalho e de vida, marcam grande parte das representações da profissão que circulam na sociedade” .

#### 4. CONCLUSÃO

Debruçar-me sobre as questões que envolvem o cansaço docente me atravessa como pesquisadora e como professora da Educação Infantil, ouvir as professoras que atuam nos mesmos espaços em Pinheiro/MA e perceber que a identificação das queixas não são somente minhas, mas o produto de um sistema que oprime e explora nossas atividades cotidianas, demonstra como o fazer docente é precarizado e invisibilizado em suas necessidades em cuidado em saúde mental.

A pesquisa apresentou que a sobrecarga é inerente ao trabalho das professoras e que por muitas vezes é naturalizada como elemento comum da rotina. Evidencia também uma gestão desatenta às demandas de suas professoras, ao mesmo tempo em que exerce ações de controle e vigilância no desempenho das atividades para dar conta das metas estabelecidas pela gestão municipal da educação.

No decorrer desta pesquisa, diversas dificuldades foram encontradas e acabaram afetando tanto a pesquisa, quanto a análise dos dados. Um dos principais desafios foram as questões dos questionários e conseqüentemente, as respostas das professoras. Embora suas contribuições fossem muito importantes, na maioria das vezes, não refletiam com a realidade apresentada no cotidiano durante algumas falas que ouvia e acabavam indicando uma problemática ainda maior do que elas vem enfrentando no dia a dia, especialmente relacionadas ao cansaço físico e mental.

Além disso, na elaboração dos questionários, percebemos que algumas questões poderiam ter sido mais formuladas e mais exploradas. Ao falar sobre o cansaço no ambiente de trabalho, por exemplo, era algo que merecia uma investigação mais aprofundada, levando em consideração não apenas a carga horária, mas também fatores emocionais e sociais que acabam afetando o desempenho dos alunos. Analisando as falas de algumas professoras, ficava explícito sobre o quanto a falta de parceria entre a gestão escolar e os pais é algo visto como um dos obstáculos citado por elas.

A parceria entre esses dois grupos é essencial para um ambiente de aprendizado mais saudável e produtivo, mas, na prática, esse elo acaba se tornando frágil e desgastante para as docentes. As falas apresentadas durante as reuniões pela gestão sobre “escola e família” são uma conexão importante, é algo visto somente no papel e da boca para fora. Como algumas delas relataram, quando acontece alguma situação que precisaria de intervenção, esse suporte

é omitido e a escola acaba dando voz e vez para os pais, invalidando o papel que as professoras exercem.

Minhas próprias limitações durante este processo também foram um dos fatores a serem considerados. As experiências e todo o conhecimento adquiridos ao longo desta pesquisa foram essenciais, no entanto, reconheço que poderia ter explorado mais as literaturas existentes sobre o cansaço das professoras, a saúde mental e a Educação Infantil. Os artigos que foram revisados abordam essas questões de uma forma mais abrangente, mas levando para a prática essas teorias e conceitos, foi possível observar que nem sempre essas soluções se traduzem efetivamente no contexto escolar.

Em suma, este trabalho não apenas trouxe à tona a importância de discutir o cansaço e a saúde mental na Educação Infantil, mas também, evidenciou a necessidade de um diálogo mais aberto e colaborativo entre os envolvidos no processo educativo. As dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa serviram como aprendizado e motivação para buscar melhorias contínuas na prática pedagógica e na gestão escolar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, R. M. de A. .; MELO, E. dos R. . **Reflexões sobre o mal-estar docente no campo da Educação Infantil**. Olhar de Professor, [S. l.], v. 26, p. 1–23, 2023. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.26.21242.060. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/21242>. Acesso em: 16 dez. 2024

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 10. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547831/mod\\_resource/content/1/Processos%20de%20Ensinagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547831/mod_resource/content/1/Processos%20de%20Ensinagem.pdf). Acesso em 20 nov.2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016

SILVA, J. C. da . et al.. **SAÚDE MENTAL, ADOECIMENTO E TRABALHO DOCENTE**. Psicologia Escolar e Educacional, v. 27, p. e242262, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/pnKjTfs7s9VrzJGMhTsMPSG/>. Acesso em 05 maio 2025.

BALINHAS, Vera Lúcia Gainssa et al. **Imagens da docência: um estudo sobre o processo de trabalho e mal-estar docente**. Rev.Mal-Estar Subj, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 249-270, jun. 2013. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482013000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 jun. 2025

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental**. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Volume II. Brasília: MEC/SEF,1998b.

BORBA, A. M.; LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. DE. **Infância. Sede de Ler**, v. 3, n. 1, p. 3-4, 21 out. 2020.

COELHO, I. M. **Pensando o Trabalho Educativo**. Revista Educativa - Revista de Educação, Goiânia, Brasil, v. 14, n. 2, p. 313–326, 2012. DOI: 10.18224/educ.v14i2.1967. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1967>. Acesso em: 27 jan. 2025.

FISCHER, Daniela; PEREZ, Karine Vanessa. **“Eu sou quem então?”: o trabalho docente na educação infantil e os impactos da organização do trabalho na dinâmica do reconhecimento**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 21, n. 2, p. 133–147, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i2p133-147>. Acesso em: 30 jun. 2025.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. [s.l.] PLAGEDER, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806> . Acesso em 23 dez.2024.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Como classificar as pesquisas?** Disponível em: [www.ngd.ufsc.br](http://www.ngd.ufsc.br)> . Acesso em: 23 dez. 2024.

GIL, ANTÔNIO CARLOS. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GODOY, ARILDA SCHMIDT. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço** / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

LIMA, Laís Leni Oliveira; LEAL, Cátia Regina Assis Almeida. **EDUCAÇÃO INFANTIL: tensões presentes na esfera do trabalho docente** . Cadernos de Pesquisa, v. 23, n. 1, p. 65–80, 29 Abr 2016 Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/4629>.

Acesso em: 16 dez 2024.

LOCATELLI, A. S.; VIEIRA, L. F. **Condições de trabalho na Educação Infantil no Brasil: os desafios da profissionalização e da valorização docente.** Educar em Revista, v. 35, n. 78, p. 263–281, nov. 2019.

FOLBRE, NANCY. **The Rise and Decline of Patriarchal Systems: An Intersectional Political Economy.** London: Verso, 2021.

MACÊDO, Dayana Valério Coimbra de. **Algumas considerações sobre o trabalho e sua precarização no contexto capitalista | Some considerations on labor and its precariousness in the capitalist context.** Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, [S. l.], v. 16, n. 41, 2018. DOI: 10.12957/rep.2018.36700. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/36700>. Acesso em: 27 jan. 2025.

MARTINS, Maria de Fátima Duarte; ARAÚJO, Tânia Maria; VIEIRA, Jarbas Santos; MEIRELES, Janaina Barela. **Educação Infantil e saúde das professoras: estudos que se aproximam ao tema (Early childhood education and teachers health: studies that approach the theme).** Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 712–725, 2019. DOI: 10.14244/198271992495. Disponível em:

<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2495>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MARTINS, M. DE F. D.; ARAUJO, T. M.; VIEIRA, J. S. **Trabalho docente e saúde das professoras da educação infantil**. Educação, [S. l.], v. 44, p. e 36/1–22, 2019. DOI:10.5902/1984644428563.

OLIVEIRA, M. I. DE. **Educação infantil: legislação e prática pedagógica**. Psicologia da Educação, n. 27, p. 53–70, 2008.

OLIVEIRA SANTOS, J. B.; MENEZES SANTOS, L. A.; GOMES RAMOS, T. K. **Processos formativos de docentes em atuação na Educação Infantil: Necessidades e dificuldades vivenciadas no percurso de desenvolvimento profissional**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023119, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17329.

PAULA, A. J. de . et al.. **Parental burnout: a scoping review**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 75, p. e20210203, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/66QP8RGpw4ZQWkgdzDHcYDs/>. Acesso em 05 maio 2025.

RICARDO, Antonio José Fernandes; AMARAL, Adriele Domingos do; HOBOLD, Márcia de Souza. **ESTRESSE EM PROFESSORAS DE UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL**. Revista Labor, [S. l.], v. 1, n. 20, p. 7–26, 2019. DOI: 10.29148/labor.v1i20.20014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/20014>. Acesso em: 16 dez. 2024.

ROQUE BUENO, L.; HAMDAN PADILHA, V.; DA SILVEIRA ZANFERARI, E. L.; GRAUP, S. **TRABALHO E SAÚDE: O SOFRIMENTO MENTAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Educação em Foco, [S. l.], v. 28, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2447-5246.2023.v28.41081. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/41081>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SAMPAIO, M. DAS M. F.; MARIN, A. J.. **Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares**. Educação & Sociedade, v. 25, n. 89, p. 1203–1225, set. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/t7pjz85czHRW3GcKpB9dmNb/>. Acesso em 01 jun 2025.

SILVA, Bruna Emilyn da; FERREIRA, Adriano Charles; ROSSO, Ademir José. **As representações sociais de professoras da Educação Infantil em relação ao desgaste docente.** Revista de Educação PUC-Campinas, [S. l.], v. 26, p. 1–17, 2021. DOI: 10.24220/2318-0870v26e2021a5109. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5109>. Acesso em: 16 dez. 2024.

SOUSA, Clara Maria Miranda de; RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **Pesquisa-formação: diários reflexivos sobre os cuidados com professoras da educação infantil.** EccoS – Revista Científica, [S. l.], n. 57, p. e 13682, 2021. DOI: 10.5585/eccos.n57.13682. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/13682>. Acesso em: 16 dez. 2024

VASCONCELLOS, CELSO DOS SANTOS. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Libertad, 1994. (Cadernos Pedagógicos do Libertad, n. 2).

VIEIRA, J. S.; GONÇALVES, V. B.; MARTINS, M. DE F. D.. **TRABALHO DOCENTE E SAÚDE DAS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL.** Trabalho, Educação e Saúde, v. 14, n. 2, p. 559–574, maio 2016.

YAEGASHI, João Gabriel et al. **Estresse e burnout na profissão docente: um estudo sobre as condições de trabalho dos professores da educação infantil.** Notandum, Maringá, v. 26, p. 1–29, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/notandum.vi61.64368> . Acesso em: 30 jun. 2025.



## **Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entre as professoras**

Termo De Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

*“EITA, CRIANÇA!, NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS EMPURRANDO COM A BARRIGA”*: Precarização do trabalho, sobrecarga feminina e o cansaço como desmotivador do fazer pedagógico na Educação Infantil

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Prezado(a) participante, esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, aborda a temática *“EITA, CRIANÇA!, NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS EMPURRANDO COM A BARRIGA”*: Precarização do trabalho, sobrecarga feminina e o cansaço como desmotivador do fazer pedagógico na Educação Infantil e está sendo desenvolvida pela discente KIUZANY BIANCA SILVA FROZ vinculado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Maranhão, sob a orientação do Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Rarielle Rodrigues Lima. O objetivo da pesquisa é compreender as dificuldades vivenciadas pelas profissionais da Educação Infantil e identificar métodos eficazes de enfrentamento para melhorar as condições de trabalho e o bem-estar docente. Se você aceitar participar, será convidado(a) a responder a um questionário com perguntas que abordarão temas como as principais dificuldades enfrentadas em seu ambiente de trabalho, o impacto dessas dificuldades em sua prática pedagógica e as estratégias que você utiliza para lidar com essas situações. A participação é totalmente voluntária e, caso sinta-se desconfortável com alguma questão, poderá recusar-se a respondê-la ou encerrar sua participação a qualquer momento.

Para tanto, solicitamos a sua colaboração para responder este breve formulário, assim como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo para publicação em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não oferece risco à exposição dos dados pessoais depositados nesse questionário, visto que, consiste em coletar apenas seu e-mail para controle do retorno. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com a atividade solicitada pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a

qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência prestada pela Universidade.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considerem necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida ou deseje mais informações sobre este estudo, por favor, não hesite em entrar em contato através do e-mail: [kiuzany.froz@discente.ufma.br](mailto:kiuzany.froz@discente.ufma.br).

Pinheiro/MA, 17 de setembro de 2024

Assinatura do (a) participante-voluntário da pesquisa

---

Kiuzany Bianca Silva Froz Aluna-Pesquisadora

CPF: 610081613-06

Telefone : (98) 99962-7860 (“inclusive ligações a cobrar”)

E-mail: [kiuzany.froz@gmail.com](mailto:kiuzany.froz@gmail.com)

Rarielle Rodrigues Lima Orientadora

CPF005198343-56

Telefone: (98) 98160-2821

(“Inclusive ligações a cobrar”)

E-mail: [rarielle.rodrigues@ufma.br](mailto:rarielle.rodrigues@ufma.br)

## Apêndice B: Questionário aplicado com as professoras

Questionário da pesquisa “*EITA, CRIANÇA!, NÓS ESTAMOS TÃO CANSADAS QUE ESTAMOS EMPURRANDO COM A BARRIGA*”: Precarização do trabalho, sobrecarga feminina e o cansaço como desmotivador do fazer pedagógico na Educação Infantil

Gênero:

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não falar

Idade: \_\_\_\_\_

Formação acadêmica:

\_\_\_\_\_

Você é mãe?

- Sim
- Não

Estado civil:

- Solteira
- Casada
- Divorciada
- Viúva
- União estável

1. Você sente que está sobrecarregada no seu ambiente de trabalho?

- Sim
- Não

2. De que maneira o seu cansaço impacta o seu processo de planejamento?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. Qual o período em que você se sente mais cansada?

- Início do ano

Meio do ano

Final do ano

4. O que você faz para reduzir esse cansaço?

---

---

---

5. Você se sente acolhida pela gestão quando está visivelmente cansada? Se sim, justifique sua resposta.

---

---

---

6. A escola tem alguma política para auxiliar na saúde mental das professoras?

Sim

Não

7. Você exerce sua função laborativa de ensino em outra instituição?

Sim

Não

Em quantas? \_\_\_\_\_

8. Você trabalha em quantos turnos?

Um turno

Dois turnos

Três turnos

9. Você exerce somente a profissão de professora ou tem outra profissão?

---

---

---

10. Você já considerou abandonar a carreira docente? Se sim, por favor, explique os motivos.

---

---

---

## Anexo A: Parecer consubstanciado de aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MARANHÃO - UFMA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:**PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades

**Pesquisador:**Rarielle Rodrigues Lima

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 64529322.7.0000.5087

**Instituição Proponente:**Universidade Federal do Maranhão

**Patrocinador Principal:**Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:**5.836.564

#### Apresentação do Projeto:

**Desenho:**

Estudo qualitativo em vertente pós-estruturalista com cunho etnográfico.

**Resumo:**

A proposta de projeto de pesquisa “PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades” está alinhada aos objetivos da agenda 2030 da ONU, principalmente aos ODS 05 (igualdade de gênero), ODS 04 (Educação de qualidade) e ODS 10 (Redução das desigualdades) por construir a escola como campo de compreensões sobre as relações entre os sujeitos a partir das vivências em educação para as diversidades, transformando o meio social que o agentes estão inseridos. A pesquisa será realizada entre 2023 e 2025, no Município de Pinheiro/MA, tendo seu caráter qualitativo etnográfico com análises de conteúdo, a partir de observações, grupos focais e entrevistas.

**Introdução:**

A proposta de projeto de pesquisa “PRODUÇÕES DE GÊNERO: os espaços da escola como campo de disputa para uma educação de combate às desigualdades e respeito às diversidades” está alinhada aos objetivos da agenda 2030 da ONU,

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho

**Bairro:** Bacanga

**CEP:** 65.080-805

**UF:**MA

**Município:** SAO LUIS

**Telefone:** (98)3272-8708

**Fax:** (98)3272-8003

**E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

principalmente aos ODS 05 (igualdade de gênero), ODS 04 (Educação de qualidade) e ODS 10 (Redução das desigualdades) por construir a escola como campo de compreensões sobre as relações entre os sujeitos a partir das vivências em educação para as diversidades, transformando o meio social que o agentes estão inseridos. Ao pensarmos a escola como espaço de transformação social e, conseqüentemente, uma tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) que atualiza os referencias sobre as condutas entre “meninos” e “meninos” é possível identificarmos como as produções discursivas direcionam as ações de reconhecimento das diferenças, possibilitando alterações para uma visão de mundo mais igualitária, equitativa e diversa. Assim, a escola se estabelece como um acesso inicial para a construção de uma sociedade mais democrática. De acordo com o posicionamento de Guacira Lopes Louro (2007), quando argumenta sobre a construção escolar das diferenças, a escola é produtora de desigualdades, distinções e diferenças acrescentando que esta foi [...] concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” - e também produzir – as diferenças entre os sujeitos (LOURO, 2007, p. 57). Ao trazermos as discussões de gênero e as problematizações inerentes à temática para a escola iniciamos o processo de letramento de gênero para o reconhecimento das construções sociais e culturais que perpassam a sociabilidade cristalizada dos papéis sociais desempenhados, os quais colocam o sujeito lido como feminino em um lugar de subalternidade, além de deslocar os sujeitos que não se encaixam nas representações esperadas na heterocisnormatividade. Partindo dessas inquietudes e observações, elaboramos a problemática desta pesquisa que recai sobre como as representações de gênero e sexualidade compartilhadas pelos sujeitos que compõem os territórios escolares interferem nas relações constituídas nesses espaços? e como as maneiras de compreender o corpo que se educa e se inscreve a partir de referenciais de comportamentos e atitudes

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:** MA **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

direcionam as ações de permanência ou exclusão de alunos/as do cotidiano da escola? Acrescentamos, ainda, como categorias que poderão ser acionadas para referenciar as construções de dados na pesquisa ora proposta são: Tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994) para compreensão da escola como aparato tecnológico de produção de corpos e as estratégias utilizadas para subverter os discursos e ações; Heteronormatividade (BUTLER, 2003) enquanto matriz discursiva de produção social e inteligibilidade das relações de gênero; Abjeção de gênero (BUTLER, 2004), como operação de exclusão fundante do sujeito através da qual os binarismos de gêneros delimitam e fixam o que deve ser percebido e reconhecido; Performatividade (BUTLER, 2004), como mecanismo de ação social através do qual uma norma é corporificada, ou seja, a expressão reiterada, mas descontínua de normas no corpo, normas que precedem, coagem e excedem o ator no seu processo de produção de si; Temporalidade (BARTH, 2000), como ponto de intersecção que as variações são constantes e fluídas, as quais devem ser demarcadas em espaços temporais de acontecimento, visibilizando as variações de posicionamentos e visões de mundo. O caráter inovador da proposta recai sobre o processo de interiorização das problematizações de gênero, evidenciando as narrativas específicas da baixada maranhense, em especial o Município de Pinheiro. Possibilitando um olhar mais crítico sobre a atuação dos diversos sujeitos que fazem parte do espaço educativo, principalmente desnudando preconceitos sobre identidades de gênero e sexualidades. Metodologia Proposta: O caminho metodológico escolhido, partindo da concepção de Gil (2011, p. 08) de que o método é "como caminho para se chegar a determinado fim", foi o método etnográfico (BEAUD; WEBER, 2007) para aquisição e construção das informações sobre o processo de construções sobre a educação física na escola, suas representações e identidades de reconhecimento inerentes a esses espaços educacionais formais. Nessa perspectiva a captação de informações e a produção de dados como pontuam Stéphane Beaud e Florence Weber (2007) requer um posicionamento do pesquisador que viabilize a sua inserção no local escolhido, tendo como ponto de partida a execução do método etnográfico que

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:** MA **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

“reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade das práticas e revela sua densidade” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 10-11). Nesse sentido, os instrumentos de pesquisa que auxiliarão e possibilitarão a construção das informações são: A análise documental (CELLARD, 2008) e a Revisão de Literatura (GIL, 2011) por permitirem a compressão do que foi e do que está sendo produzido quanto a temática escolhida, além de possibilitar um panorama geral sobre as ações e discussões que envolvem as compreensões sobre educação física na escola. A observação por corresponder à inserção do (a) pesquisador (a) no ambiente estudado para a construção dos dados que são inerentes a uma pesquisa de campo permite que a relação entre sujeito-objeto e o delineamento da subjetividade no campo sejam considerados para a compreensão dos processos sociais possibilitando o entendimento dos interesses e das atitudes dos (as) atores (atrizes) (JACCOUD; MAYER, 2008; RICHARDSON et. al., 2008) no processo de observação, o qual é direcionado pelas leituras teóricas e objetivos estabelecidos. A entrevista semiestruturada, direcionada aos/às gestores/as e professores/as, por ser um “instrumento que permite elucidar condutas [sociais], na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações” (POUPART, 2008, p. 217); possibilitar a compreensão dos conhecimentos envolvidos no processo de construção e representação da Educação Física na escola e também por dar liberdade ao entrevistado/a em comentar pontos que em perguntas fechadas não apareceriam (BEAUD; WEBER, 2007). Os grupos focais, direcionados aos/às alunos/as, por permitirem a discussão de diversos tópicos que são elencados e sugeridos pelo/a pesquisador/a e que de certa maneira possibilita o entendimento do “processo de construção de percepções, atitudes e representações sociais do grupo” (GONDIM, 2003, p. 151). Assim: O foco não se encontra na análise dos conteúdos manifestos nos grupos, mas sim no discurso que permite inferir o sentido oculto, as representações ideológicas, os valores e os afetos vinculados ao tema investigado. A premissa é a de que os pequenos grupos tendem a

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:** MA **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br



Continuação do Parecer: 5.836.564

reproduzir nos jogos de conversação, o discurso ideológico das relações macrosociais (GONDIM, 2003, p. 151-152).

Metodologia de Análise de Dados:

No intuito de se estabelecer a análise do discurso construído nas entrevistas e nos grupos focais parte-se do posicionamento de Michel Foucault de que “[...] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2012, p.56).

Desfecho Primário:

Esperamos alcançar como resultado da pesquisa a identificação das compreensões sobre as relações de gênero e sexualidade na escola, para elaboração de possíveis ações interventivas na temática estudada, contribuindo para a desconstrução de concepções essencializantes sobre os processos de construção de gênero limitados ao binarismo masculino/feminino. Esperamos que o estudo seja um ponto de partida, colaborando para a qualificação dos professores da educação básica no estado do Maranhão, por intermédio das análises realizadas sobre como as relações de gênero e sexualidade são compreendidas e estabelecidas nos espaços escolares consolidando as ações dos objetivos de desenvolvimento sustentável. Por último, visando à difusão das reflexões e conclusões atingidas com essa pesquisa, espera-se, além de apresentar trabalhos derivados em congressos e encontros das áreas correspondentes, publicar artigos em periódicos científicos e converter o relatório final de pesquisa em uma possível publicação de um livro. Além de elaborar uma cartilha com os principais pontos de esclarecimentos relacionados aos aspectos de dificuldade percebidos no processo de execução da pesquisa.

Tamanho da Amostra no Brasil: 100

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Analisar como ocorrem as produções de gênero nos espaços da educação básica (Ensino Fundamental e Médio) em Pinheiro/MA, entre 2023 e

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:** MA **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

2025.

Objetivo Secundário:

Identificar o perfil dos docentes e discentes participantes da pesquisa; Conhecer os agentes de mobilização das discussões de gênero na escola; Identificar autorizações e interditos envolvendo as discussões de gênero; Elaborar ações formativas de educação para a diversidade e igualdade de gênero.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa apresenta menor risco, referindo-se apenas há algumas respostas evidenciadas nos questionários ou entrevistas sobre alguns acontecimentos das aulas de Educação Física, que o participante pode sentir um desconforto/constrangimento quanto às respostas. Para minimizar essa situação, os questionários serão disponibilizados por meio da plataforma google (forms) e não será necessário a identificação com o nome do participante, assim como a entrevista, que qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. O tempo estimado para responder o questionário é de aproximadamente trinta minutos, e o da entrevista é uma hora.

Os benefícios da pesquisa proporcionam aos participantes reconhecer a importância do debate sobre gênero na escola para uma educação mais democrática e de respeito às diversidades. Que posteriormente podem auxiliar os professores na realização de uma educação democrática e com respeito à diversidade, que reforça um dos objetivos da escola, que é torná-la democrática a todos os alunos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa tem relevância acadêmica e trabalha com este conjunto de hipóteses:

Há dificuldades no processo de discussão de gênero e sexualidade; As ausências consolidam os marcadores do patriarcado no processo de educação de meninas e meninos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os Termos de apresentação obrigatória estão em sintonia com o que determinam as resoluções n. 466/2012 e n. 510/2016 da CONEP.

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:** MA **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Continuação do Parecer: 5.836.564

**Recomendações:**

Não há recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2034655.pdf	25/10/2022 12:14:54		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinadaecorrigida.pdf	25/10/2022 12:14:28	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta.pdf	25/10/2022 12:12:20 25/10/2022	Rarielle Rodrigues Lima Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Outros	projeto_pesquisa_pos_doc.docx	12:08:29	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_pos_doc.pdf	25/10/2022 12:08:04	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	25/10/2022 12:06:22	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_novo_comite_de_etica_corrigido1.docx	14/10/2022 21:23:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tale_novo_comite_de_etica_corrigido1.docx	14/10/2022 21:23:22	Rarielle Rodrigues Lima	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:** MA **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
MARANHÃO - UFMA



Continuação do Parecer: 5.836.564

SAO LUIS, 23 de Dezembro de 2022

---

**Assinado por:**  
**Emanuel Pércles Salvador**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida dos Portugueses, 1966 CEB Velho  
**Bairro:** Bacanga **CEP:** 65.080-805  
**UF:MA** **Município:** SAO LUIS  
**Telefone:** (98)3272-8708 **Fax:** (98)3272-8003 **E-mail:** cepufma@ufma.br

Página 08 de 08